UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Artes
Curso de Dança Licenciatura

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Memórias de um corpo que dança: um olhar sobre a criação do espetáculo Trajeto, Trajetória, Trajetos (IN) DECISÕES

Nayane Machado Lima de Melo

Pelotas, 2021

NAYANE MACHADO LIMA DE MELO

Memórias de um corpo que dança: um olhar sobre a criação do espetáculo Trajeto, Trajetória, Trajetos (IN) DECISÕES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Dança Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Dança.

Orientadora: Professora Dr.ª Andrisa Kemel Zanella

Pelotas, 2021

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

M528m Melo, Nayane Machado Lima de

Memórias de um corpo que dança : um olhar sobre a criação do espetáculo trajeto, trajetória, trajetos (in) decisões / Nayane Machado Lima de Melo ; Andrisa Kemel Zanella, orientador. — Pelotas, 2021.

109 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Dança) — Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

1. Trajetórias. 2. Corpo. 3. Memórias. 4. Improvisação. 5. Dança. I. Zanella, Andrisa Kemel, orient. II. Título.

CDD : 793.3

Elaborada por Leda Cristina Peres Lopes CRB: 10/2064

Nayane Machado Lima de Melo

Memórias de um corpo que dança: um olhar sobre a criação do espetáculo Trajeto, Trajetória, Trajetos (IN) DECISÕES

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Licenciatura em Dança, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 26/02/2021

Banca Examinadora:

_____

Prof. Drª. Andrisa Kemel Zanella (orientadora)
Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas.

_____

Prof. Drª. Carmen Anita Hoffmann
Doutora em História pela Pontifica Universidade Católica do Rio Grande do Sul

_____

Prof. Drª. Josiane Gisela Franken Corrêa
Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dedico este trabalho à memória da minha avó e minhas tias, todas chamadas por mim como minhas “MARIAS”, mulheres negras, guerreiras, batalhadoras, mães, que sempre se dedicaram à família. Mulheres que construíram a base da família Lima com muito amor e determinação na busca de nossos sonhos.

Também dedico este trabalho a todas mães, estudantes, trabalhadoras em casa ou fora, pois sei quão difícil é se dedicar e concluir nossas tarefas diárias.

Este trabalho é dedicado à todas vocês mulheres!

Agradecimentos

ALUPÔ, EPARRÊI, ODOIYÁ, EPAÔ… Salve do Orixá ao Exu!

E assim dou início aos meus agradecimentos, saudando aos que me guiam, me mantém firme e me dão forças!

Agradeço a todos os meus professores do jardim de infância à Universidade e os que ainda virão a agregar aos meus conhecimentos, obrigada a todas as trocas e tempos que vivemos dentro de uma sala de aula, seja ela de escola, dança ou outro meio.

Quero agradecer a minha professora orientadora Andrisa, por tamanha dedicação a mim e meu trabalho, por entender e compreender na minha nova fase da vida a maternidade, por ter o olhar sensível em saber que não é fácil lidar com um bebê, trabalho de conclusão, casa e a vida. Por sempre me motivar e trazer uma palavra de consolo quando se fez necessário. Meus eternos agradecimentos a ti!

Ao meu filho Théo, por me dar forças e me mostrar que consigo ir muito mais do que imagino, por cada sorriso que chegava a transbordar pelos olhinhos a força que me transmitia. Te amo meu guri!

Agradecer ao meu companheiro de vida, ao pai do meu filho e meu noivo, Felipe obrigada, por cada abraço em momento de desespero, por cada café feito com amor em dias corridos e cada palavra de que tudo ia ficar bem. Obrigada por reclamar das minhas caras chatas e acolher minha ansiedade em meio a choros desesperados. Obrigada por se fazer presente nesse processo tão importante na minha vida e obrigada por me presentear com a tua família. Família esta que me acolhe, que me incentiva e se faz presente, família que se tornou minha. Obrigada Pereiras!

À Leticia mulher essa que é muito mais que uma sogra, uma mãe que me acolhe, me ampara e passa por todos os momentos juntinho de mim, meus agradecimentos a ti são infinitos mulher, obrigada por cada refeição feita com muito amor para que eu me sentisse melhor, por estar sempre disposta e pronta a me ajudar e ficar com Théo. Sou imensamente grata a ti.

Ao Ivan meu sogro e claro não diferente de uma sogra mãe um paizão que também ganhei, talvez ele não saiba mais tem um espaço enorme e com tamanho significado para mim.

Diulianna, minha comadre e companheira de muitas trocas durante dias e madrugadas sem sono, presente que a maternidade me trouxe. Obrigada Diu por sempre estar pronta em cuidar e em ninar o Theozinho para que eu pudesse estudar e até mesmo descansar.

À essa rede de apoio presencial na minha vida materna ficam meus agradecimentos!

Quero agradecer também a minha comadre, amiga e companheira que o curso de dança me deu, a Shay, obrigada Shayzinha por todas nossas trocas, por ouvir meus áudios gigantes de desesperos com o TCC e a vida materna, por se fazer presente mesmo que distante em todos os momentos que precisei.

Falando em distante agradeço aqui a minha mãe, minhas irmãs Marina e Isabelle, meu irmão Rafael, meu amado avô, aos meus tios Júlio e Junior por toda energia mandada e mensagens de força.

À minha mãe do coração e tia Bia pelas trocas maternas entre Théo e Olivia, crianças que chegaram para florescer nosso campo de amor. Obrigada por cada mensagem de apoio que me faziam refletir o quão forte sou, por sempre me lembrar de quem eu sou e a mulher que estou a me tornar.

Ao meu braço direito da vida e óbvio desse trabalho também a minha prima irmã Giuli, meu trevo que sempre chega para me trazer a tranquilidade que por vezes me falta, por ser meu encaixe mesmo tão diferente de mim.

Essas pessoas que são minha base, que fazem parte da minha trajetória. Eu amo vocês!

Finalizo agradecendo aos meus bailarinos e sujeitos desta pesquisa Brayan Bretanha e Natalia Camargo, pela dedicação, esforço e comprometimento ao meu trabalho e por terem aceitado participar deste estudo. Ao orientador do espetáculo Thiago Amorim, obrigada por todas as conversas e apoio nas criações. À toda equipe que contribuiu para que o espetáculo acontecesse: Carol Portela, Débora Linhares, Daniela Ricarte, Shayane Beatriz, Yasmin Farias, Renan Brião, Felipe Pereira, Cíntia Mendes, Lorraine Clara, Lise Peres e Larissa Martins.

Por fim agradeço a todos, mesmo que aqui não citados, mas que se fizeram presente na minha trajetória.

[...]Recomece, se refaça,
relembre o que foi bom,
reconstrua cada sonho,
redescubra algum dom,
reaprenda quando errar,
rebole quando dançar,
e se um dia, lá na frente,
a vida der uma ré,
recupere sua fé
e RECOMECE novamente.
-Bráulio Bessa

A indecisão é muito difícil, né?! Porque quando nós tomamos uma decisão, nós deixamos de fazer alguma outra coisa e ficamos sempre sofrendo … a liberdade é angustiante, e somos seres humanos, e temos a liberdade de escolher. E, porque temos liberdade de escolha sofremos. E dizer "que bom ser livre!" Não!, que difícil ser livre, que difícil ter que fazer escolhas [...]
-Monja Coen

Resumo

MELO, Nayane Machado Lima. **Memórias de um corpo que dança**: um olhar sobre a criação do espetáculo Trajeto, Trajetória, Trajetos (IN) DECISÕES. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Dança Licenciatura, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa de conclusão do Curso de Dança Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, realizada durante o ano de 2020, em um contexto pandêmico. Teve como objetivo geral conhecer as memórias mobilizadas dos bailarinos durante a criação do espetáculo "Trajeto, Trajetória, Trajetos (IN) DECISÕES", dirigido por mim em junho de 2019, na disciplina de Montagem de Espetáculo II. O período na Universidade me fez questionar os processos de criação em dança. Percebi que a improvisação, a memória e os sentimentos sempre foram elementos importantes para criar dança. Isto despertou meu interesse em realizar esta pesquisa e aprofundar sobre a temática, principalmente após a finalização do espetáculo. Assim surge este estudo que tem como problema de pesquisa: De que maneiras e quais as memórias do corpo foram mobilizadas no processo de construção do espetáculo "Trajeto, Trajetória, Trajetos (IN) DECISÕES"? A pesquisa traz um novo olhar ao espetáculo, olhar de uma pesquisadora das memórias retratadas e sentidas. O trabalho apresenta uma escrita (auto)biográfica, com abordagem qualitativa, na qual tive como instrumento de pesquisa o memorial do espetáculo e duas atividades (atividade poética e pergunta disparadora) com vistas à narrativa dos bailarinos, sujeitos desta pesquisa. A pesquisa levou-me a perceber o quanto a construção do espetáculo provocou os bailarinos, pois buscavam em suas histórias de vida elementos para a criação. Ou seja, as memórias, visibilizadas no decorrer do texto, proporcionaram meios para a criação, repercutindo na disponibilidade, envolvimento e sentidos do que foi criado.

Palavras-chave: Trajetórias. Corpo. Memórias. Improvisação. Dança.

Abstract

MELO, Nayane Machado Lima**. Memories of a dancing body**: a look at the creation of the show Trajeto, Trajetória, Trajetos (IN) DECISÕES. 2021. Course Conclusion Paper - Dance Degree Course, Arts Center, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2019.

The present work is the result of a research of conclusion of the Graduation Dance Course of the Federal University of Pelotas, held during the year 2020, in a pandemic context. Its general objective was to seize the memories mobilized by the dancers during the creation of the show "Trajectory, Trajectory, Trajectories (IN) DECISIONS", directed by me in June 2019, in the discipline of Mounting Show II. The period at the University made me question the creation processes in dance. I realized that improvisation, memory and feelings have always been important elements to create dance. This aroused my interest in conducting this research and deepening on the subject, especially after the completion of the show. Thus arises this study whose research problem: In what ways and which memories of the body were mobilized in the process of construction of the show "Trajectory, Trajectory, Trajectories (IN) DECISIONS"? The research brings a new look to the show, a researcher's look at the memories that were mobilized, portrayed and felt there. The work presents a biographical writing (self), with qualitative approach, in which I had as research instrument the memorial of the show and two activities (poetic activity and trigger question) with views to the narrative of the dancers, subjects of this research. The research led me to realize how much the construction of the show mobilized the dancers, because they searched in their life stories elements for creation. That is, the mobilization of memories, visible throughout the text, provided means for creation, reverberating in the availability, involvement and senses of what was created.

Keywords: Trajectories. Body. Memories. Improvisation. Dance.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: 1ª apresentação de balé em 2011..... 1
Figura 2: Turma de Petit Couche, na escola "Le Moulin" 19
Figura 3: Eu na minha 1° apresentação com sapatilhas de ponta, em 2015.....20
Figura 4: 1º apresentação de dança contemporânea em 2014 22
Figura 5: Apresentação do solo *Observe sem me observar* 23
Figura 6: Tia Gio, Ândrea e eu.....24
Figura 7: Apresentação da Composição "Meu quarto/casa" 32
Figura 8: Isadora Duncan 37
Figura 9: Triângulo da composição 38
Figura 10: Trajetória desenhada pelos próprios bailarinos 65
Figura 11: Jogo dos estímulos sorteados..... 66

SUMÁRIO

Apresentação 13
1. Trajetória, o que me traz até aqui... 15
2. Metodologia 26
2.1 Mapeamento de pesquisas 28
3. Referencial teórico 31
3.1 Dança 31
3.2 Corpo e Memória 39
4. "Trajeto, Trajetória, Trajetos (IN) DECISÕES": Memorial 44
4.1 A criação do espetáculo a partir do olhar de diretora e pesquisadora desse processo 46
5. O que narram os bailarinos: sujeitos da pesquisa 48
6. Do memorial às narrativas: os achados da pesquisa 65
7. Considerações Finais 71
8. Referências 73
APÊNDICES 76
ANEXOS 105

Apresentação

Este trabalho trata-se de uma pesquisa de conclusão, do curso de Dança Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, desenvolvido de abril de 2020 a fevereiro de 2021, em meio a uma pandemia[1]. Assim, foi necessário realizar a pesquisa de maneira remota, o que repercutiu tanto na coleta de dados quanto nas orientações que aconteceram virtualmente.

O estudo tem como tema a memória do corpo que dança no espetáculo “Trajeto, Trajetória, Trajetos. (IN) DECISÕES” com o objetivo geral de conhecer as memórias mobilizadas dos bailarinos durante a criação do espetáculo “Trajeto, Trajetória, Trajetos (IN) DECISÕES”. E objetivos específicos: conhecer as memórias dos bailarinos, intérpretes e criadores Brayan Bretanha e Natalia Camargo, do espetáculo “Trajeto, Trajetória, Trajetos (IN) DECISÕES” acadêmicos do Curso de Dança-Licenciatura e as histórias que os trazem até essa linguagem artística chamada dança; analisar o processo criativo do espetáculo “Trajeto, Trajetória, Trajetos (IN) DECISÕES” relacionando memória do corpo e dança; e, colaborar para os estudos da área da dança no sentido de pensar como as memórias do corpo repercutem no processo criativo.

A formação no Curso de Dança Licenciatura me levou a perceber e questionar o meu processo de criação, sempre voltado para memórias, sentimentos, do meu eu no aqui e agora. Assim, após a finalização da disciplina de Montagem do espetáculo II, vi despertar o interesse em retomar a criação do espetáculo e aprofundar o vivido. Diante disso, trago como problema de problema de pesquisa: De que maneiras e quais as memórias do corpo foram mobilizadas no processo de construção do espetáculo “Trajeto, Trajetória, Trajetos (IN) DECISÕES”?

No decorrer do trabalho busco, a partir de uma escrita (auto)biográfica, dar visibilidade para momentos vividos no decorrer de minha história de vida e o processo de criação do espetáculo, bem como de que maneira e quais memórias foram

[1] Desde março de 2020 estamos vivendo uma pandemia causada pelo novo coronavírus (COVID 19), que até o momento matou mais de 265 mil pessoas em nosso país. De lá para cá, tudo mudou, inclusive o convívio humano, sendo necessário o isolamento e o distanciamento social. Essa situação repercutiu também no contexto educacional repercutindo em atividades que passaram a acontecer de maneira remota.

mobilizadas, retratadas e sentidas pelos sujeitos. Coloco-me em foco, pois percebo o quanto minhas memórias também foram mobilizadas durante a criação de espetáculo. É um trabalho de abordagem qualitativa, na qual tive como instrumento de pesquisa o memorial do espetáculo, e, atividade poética e pergunta disparadora aos sujeitos de pesquisa.

Os capítulos dessa pesquisa estão estruturados da seguinte forma:

Trajetória: Neste capítulo trago um pouco da minha história de vida enfatizando a relação com a dança, isto é, como se deram meus primeiros contatos com a dança até minha chegada no Curso de Dança Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL. Dança e Corpo e Memória: capítulos teóricos em que busco discutir sobre composição através da improvisação, memória e corpo, fazendo conexão com minhas memórias e processos vividos no Curso. Metodologia: apresento como a pesquisa foi desenvolvida metodologicamente. Memorial do espetáculo e atividades realizadas com os sujeitos da pesquisa: aqui a ênfase está nos dados produzidos para a pesquisa. Análise: escrita analítica a partir do memorial do espetáculo e da atividade poética e pergunta disparadora feitas com sujeitos de pesquisa. Considerações finais: momento em que retomo o problema e objetivos do estudo para refletir sobre os resultados alcançados, enfatizando também minhas memórias tatuadas e gravas em cada passo da minha dança.

1. Trajetória, o que me traz até aqui...

Eu sempre fui uma criança muito ativa e espoleta, muitos me chamavam de desastrada, porque onde estava a Nayane tinha pisão nos pés e algo sempre acabava quebrado. Percebo que eu tinha necessidade de movimento.

Falar de mim é falar de movimento, de expressão. Minha mãe e minha tia dizem que eu gostava de chorar na frente do espelho, pois fazia caretas. Lembro que eu gostava de ver minhas expressões.

Acredito que nasci artista, não consigo ver um marco da minha vida em que a arte entrou, em todos os momentos ela sempre esteve ali, eu nasci na arte.

Minha avó materna era cantora, “acredito que ainda seja em outro lugar”, eu, meu irmão e minha prima acompanhávamos ela em ensaios e até mesmo em seus shows. Em casa ela vivia escutando músicas, tirando letras, dançando e cantando, era o que ela mais fazia enquanto cozinhava.

Sempre gostei muito de brincar de fazer apresentações. Recordo de quando eu e minha prima pegávamos as roupas da minha avó, nos vestíamos e meu irmão fazia nossos penteados. Minha prima era sempre a cantora, que por sinal herdou a linda voz da nossa avó, e eu como sempre a dançarina, em cima de um colchão de solteiro estendido no chão. Ali era nosso palco e passávamos horas brincando e fazendo show para nossa plateia invisível.

Meu irmão, sempre tinha umas brincadeiras teatrais, quando a gente se juntava com nossos primos que moravam ao lado. Ele sempre montava uma história e cada um de nós era os personagens. Uma vez chegamos a montar uma minissérie, foram semanas brincando. A cada brincadeira a história aumentava. Montamos também um bloco de carnaval. Tinha bateria, feita de lata, ala de passistas, corte, boneca do bloco que se chamava Aurora, fizemos com caixa de papelão, e até um carro alegórico que era um carrinho de supermercado. O bloco era só a criançada da vizinhança.

Minhas brincadeiras com meus amigos tinham música, criação de coreografia e apresentação. Eles tinham que se apresentar! De onde vinham estas ideias? Eu não sei, mas essa era minha maneira mais divertida de brincar. Já cheguei a montar um grupo

de dança inspirado nas *Spice Girls*[2]. Cada uma do grupo representava uma componente do grupo. Tínhamos encontros semanais na minha casa para ensaiar as coreografias que eu montava.

No bairro que eu morava, tinha um coral com grupo coreográfico que se apresentava nas festinhas de final de ano. O grupo coreográfico sempre me chamou muita atenção. Participei do coral porque era muito pequena para participar do grupo coreográfico. Mas, um tempo depois, tive a oportunidade de entrar para o grupo. Lá dançávamos, não havia uma técnica de dança e nem um estilo, dançávamos de música gospel à carnaval. Muito cedo comecei a criar as coreografias, com apenas 8 anos de idade tive a tarefa, a pedido da coreógrafa do grupo, de construir meu primeiro solo, momento em que dancei na Festa do Mar[3]. Criei uma coreografia da música *Vivo Por Ella* de Sandy e Andrea Bocelli, sem ao menos conhecer técnicas de dança, nem sabia da existência delas. Até então minhas únicas vivências com dança foram as que relatei acima, sem ter ingressado em uma academia de dança.

Percebo diante de tudo que narrei até o momento que sempre tive um vínculo muito forte com as artes, minhas brincadeiras estavam sempre ligadas à dança, música, teatro ou artes visuais. Já me perguntei algumas vezes quando foi que me descobri artista, quando eu soube que seria esse meu caminho, na verdade ele já estava traçado há muito tempo.

Na escola sempre me destaquei. Uma criança muito comunicativa, ativa e cheia de ideias. Na escola tinham apresentações todo final de ano, em um auditório gigante e que lotava de pessoas, eu amava fazer parte, não podia perder de jeito nenhum e se pudesse eu dançava em várias coreografias, mas era separado por turmas. Cada turma dançava uma coreografia feita pela coordenadora e professora de Educação Física, e eu sempre em todos os ensaios lá estava, bem na frente, querendo demostrar todo meu interesse por aquela atividade. Eu era sempre a ajudante que arrumava os colegas nos

---

2 Grupo pop criado originalmente em 1994 composto por Melanie Brown ("Scary Spice"), Melanie Chisholm ("Sporty Spice"), Emma Bunton ("Baby Spice"), Geri Halliwell ("Ginger Spice"), e anteriormente Victoria Beckham ("Posh Spice"). Fonte: (https://pt.wikipedia.org/wiki/Spice_Girls).

3 Festa que acontece na cidade de Rio Grande - RS, em prol da economia rio-grandense, levando aos turistas um pouco da cultura e da culinária do município.

lugares, fazia um novo passo, passava a coreografia para aqueles que não estavam. Me envolvia em tudo que pudesse.

Nessa mesma escola, comecei a participar do projeto “Rio Grande em Ação”, em que era oferecido várias atividades dentro da área de artes para alunos de escolas pública municipais, em turnos inversos de suas aulas na escola.

Nesse projeto aconteceu meu contato com balé clássico, jazz, dança de salão, teatro e dança de rua. A cada semestre eu experimentava uma nova atividade, até que decidi ficar apenas no balé. Essa opção me oportunizou a primeira experiência de poder dançar uma obra do balé, o famoso *O Quebra Nozes*. Dancei a partitura desta obra chamada a *“Valsa das flores”* e também fiz papel como a boneca da personagem Clarinha. Lembro desse dia como se fosse hoje, eu estava encantada em ver aquelas bailarinas usando aqueles tutus e sapatilhas de ponta, o que era um sonho pra mim.

Figura 1: 1ª apresentação de balé em 2011. Obra *O quebra Nozes - partitura a valsa das flores.*
Fonte: Acervo pessoal.

Na imagem acima eu uso um vestido rosa, imitando pétalas de flores relacionadas a partitura dançada (*Valsa das Flores*), imagem da primeira apresentação de balé,

através do projeto. Depois dessa apresentação também tivemos outra apresentação no Teatro Municipal de Rio Grande - RS, no qual apresentamos a mesma obra.

Olhar essa imagem instiga-me a refletir sobre minha trajetória e o esforço que tive para poder fazer essas aulas de balé. Eu ia duas vezes na semana de transporte público, pois recebíamos do projeto vale transporte para se deslocar, mas o ônibus me deixava bem longe da onde eram as aulas. Eu precisava caminhar 15 quadras, para ir e para voltar. Eu nunca faltava. Com sol ou chuva eu estava.

Ao finalizar o ensino fundamental sai da escola e consequentemente do projeto, já que era ligado a escolas da rede municipal. Iniciei meus estudos em uma rede estadual de ensino, local que cursei o ensino médio. Foi um período da minha trajetória em que me vi distante da dança, por 1 ano.

Quando a dança volta para minha vida novamente…

Dentro de uma academia de dança, com espelhos, barras, aquele chão apropriado para danças, vestiário, ar-condicionado me vi no paraíso. Nos meus 16 anos eu conheci o que era uma academia de dança, conheci técnicas e professores formados em suas áreas de atuação, o que me chamou atenção.

Como cheguei nessa academia...

Cheguei nessa academia através de um círculo de pessoas, o tio Fábio[4] que era companheiro da tia Gio[5], os dois bailarinos que me enchiam os olhos em todas as festas de aniversários, eu amava suas posturas, suas formas de dançar.

Através de um convite do tio Fábio para trabalhar como recepcionista na escola “Le Moulin” que eles tinham aberto juntos eu adentro nesse novo meio. Na escola fui de recepcionista, aluna, à professora de balé para as crianças, onde então me encontro nessa minha profissão, na verdade descoberta pela tia Gio.

---

[4] Fábio Martins, professor de balé clássico.
[5] Giovana Consorte, professora de dança e atualmente professora no IFG em Goiânia - GO.

Figura 2: Turma de Petit Couche, na escola “Le Moulin”. Foto registrada na sala onde aconteciam nossas aulas.
Fonte: Acervo pessoal.

Na imagem acima, sou eu ministrando a aula de balé para crianças. No meu lado direito e esquerdo as minhas alunas. Eram duas turmas: uma de crianças chamada de Petit Ballet (5 e 6 anos) e a outra de Petit Couche (3 e 4 anos).

Em nenhum momento tive medo, receio ou dúvida de ministrar aulas para elas. Assim que a tia Gio fez o convite eu logo aceitei, ela me dizia me ver preparada para isso, que “eu levava jeito mesmo”. Logo embarquei nessa nova fase da minha vida, na qual me trouxe muitos ensinamentos para a professora que me tornei hoje.

Como cito acima, dentro da escola também fui aluna, onde iniciei as aulas de balé clássico. Fui até as pontas que era um dos meus grandes sonhos e imaginava ser o único. Nesse grande processo até chegar a tão sonhada sapatilha de ponta tive como professores o tio Fábio e a tia Gio, que tive a honra de poder partilhar junto com eles essa conquista.

Figura 3: Eu na minha 1° apresentação com sapatilhas de ponta, em 2015.
Fonte: Acervo pessoal.

Na imagem acima, podemos ver que uso um vestido remetendo pétalas de flores, como também cito na Figura 1. Nessa apresentação também danço uma partitura chamada *A valsa das flores* do espetáculo *Três vezes amor* de final de ano da escola "Le Moulin". Essa coincidência de eu dançar as minhas duas estreias no balé, de flor, ficou muito marcada em mim e essa foto é minha primeira e última apresentação com sapatilhas de pontas, como bailarina clássica. O ser flor me fez querer florescer em outros campos da dança, e lá me fui brotar em outros lugares.

Ela gostava da ideia de ser flor.
Nascer, brotar, aparecer.
Crescer, vicejar, desabrochar.
Florescer, Enflorar, reflorescer.

Transformou sua alma em jardim e floriu.
A primavera nunca mais saiu dela.
(Tainá Cruz)

Ingressando a novos caminhos…

Em meio a uma reunião da escola com professores, observo sentada no chão uma mulher muito elegante e cheia de vida, uma saia vermelha e um batom vermelho, enquanto conversava gesticulava muito suas mãos, além de ser muito expressiva. Com um lindo sorriso me cumprimentou, “prazer sou Ândrea”. Ao final da reunião me fez o convite para ser sua aluna na turma de dança contemporânea, turma nova que iniciaria na escola.

Minha primeira aula de dança contemporânea…

Confesso achei tudo muito estranho, nunca tinha experimentado algo com esse estilo, era novo, o novo causa estranhamentos, mas sempre gostei de experimentar outros estilos de dança ao surgir oportunidade. Logo após umas 3 aulas lá estava eu imersa e deslumbrada com a dança contemporânea, queria saber mais, experimentar, buscar novos conhecimentos com a professora Ândrea.

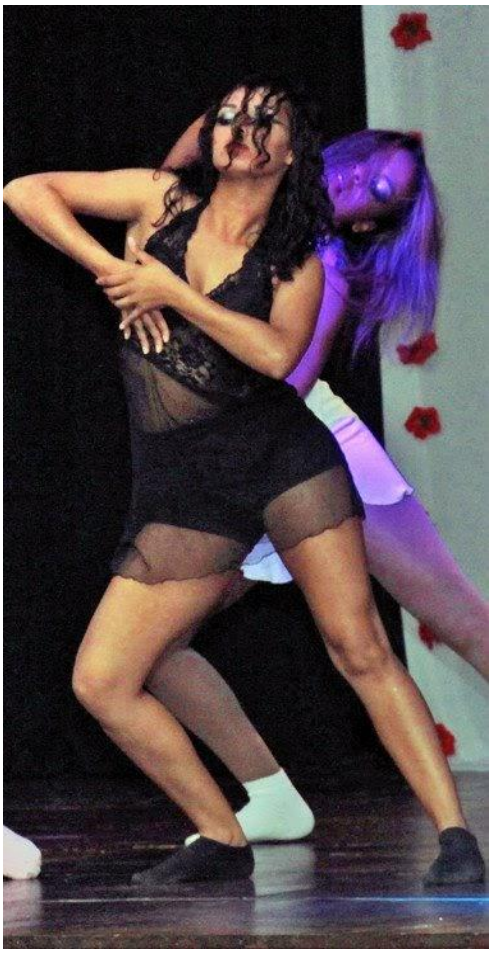


Figura 4: 1º apresentação de dança contemporânea em 2014, coreografada por Ândrea Rodrigues.
Fonte: Acervo pessoal.

Na imagem acima trago minha primeira apresentação de dança contemporânea. Participar dessa coreografia e criação foi muito significativo pois consegui trazer para a cena o sentimento e até mesmo a lágrima, foi a partir dessa criação que aprendi que até o movimento de respirar dança em cena. Comecei a ver a dança de maneira mais poética. Percebi que por trás do movimento há uma intenção, um sentimento...

Através da dança contemporânea me inseri também na turma de jazz contemporâneo ministrada pela mesma professora, vivenciando meu primeiro solo coreografado por uma profissional da área. Escolhi a música *Wrecking Ball* de Miley Cyrus. O solo se chamou *Observe sem me observar,* dançado no ano de 2015, no festival de final de ano da escola.

Figura 5: Apresentação do solo *Observe sem me observar,* dirigido por: Ândrea Rodrigues.
Fonte: Acervo pessoal.

A criação desse solo se deu da melhor maneira possível, tudo sob minha escolha, lembro que a Ândrea me dizia “tem que ser a tua cara, é teu é tu quem vai dançar ele”, escolhas minhas adaptadas com as técnicas e conhecimentos dela. A cada movimento criado ela me dizia para sentir e por uma emoção, um sentimento, não apenas fazer o movimento e sim sentir o que ele dizia pra mim.

Através dos conhecimentos e ensinamentos da Ândrea fui me apaixonando cada vez mais pela dança. Com ela eu aprendi muito não só sobre a dança mais sobre a vida, compartilho muito dos meus momentos, com essa grande mulher que de professora se tornou uma amiga para vida.

Juntamente com a escola “Le Moulin” eu pude experimentar um mundo cheio de dança, participei de festivais, tive minha primeira experiência de receber cachê dançando, pois através da escola surgiram novas oportunidades. Mais além... estar dentro de uma escola de dança, eu jamais tinha pensado que pudesse, (por questões financeiras), sou extremamente grata à essas vivências.

Figura 6: Tia Gio, Ândrea e eu.
Fonte: Acervo pessoal.

Na imagem acima estão minhas grandes precursoras que me levaram até a graduação em Dança. Através da tia Gio e a professora Ândrea, eu me descobri bailarina, professora e amante da Arte. Foi através delas que eu conheci o Curso de Dança Licenciatura da UFPel.

Ao chegar na Universidade...

Me deparo com muita teoria, meio perdida neste mundo novo. Deparo-me com duas disciplinas práticas em meu 1° semestre no curso: Laboratório de Balé Clássico e Expressão Corporal, disciplina que realizei meu primeiro trabalho dentro da Universidade a partir de minhas memórias e vivências.

Além disso o curso me trouxe muitos aprendizados que ampliaram meus conhecimentos como professora, coreógrafa, bailarina e pesquisadora. Destaco que com os Estágios em Dança muitos foram as aprendizagens em relação à docência, organização de uma aula, metodologias com público de faixas etárias diferentes.

As disciplinas teóricas me trouxeram conhecimentos sobre meu campo de atuação - a dança e a licenciatura, e as disciplinas práticas assim como Montagem de Espetáculo, uma nova visão sobre criar e pensar dança.

Importante aqui salientar que meu primeiro tema de pesquisa seria a dança dos Orixás Bará, Iansã, Oxalá e Iemanjá dentro da minha religião nação Jeje-Nagô. A pesquisa teve início, mas não se concretizou por adversidades que encontrei durante o processo, fazendo com que eu pensasse e desejasse outro tema de pesquisa. Em meio a tantas dúvidas sobre o que pesquisar, comecei a questionar a minha forma de criar dança que foi o que mais me marcou desde o início do curso. Como cito acima foi no 1° semestre que tive minha primeira experiência criando através das minhas memórias e improvisando. Relembrei que cada coreografia apresentada por mim sempre teve ligação com memória, corpo e improvisação, culminando na criação do espetáculo. E foi intimada pelo que vivi durante a construção do espetáculo e as repercussões deste processo em mim, momento que comecei a procurar outro caminho investigativo, que chego ao meu tema de pesquisa.

2. Metodologia

A metodologia de pesquisa, de abordagem qualitativa, inspira-se nas pesquisas (auto)biográficas, centrando a produção de dados a partir da narrativa oral e escrita.

> A pesquisa (auto)biográfica pode ser entendida como estratégia de investigação qualitativa, a partir das narrativas das histórias de vida dos grupos humanos, sua leitura de mundo, seus sentimentos, percepções e interações com o contexto social em que estão situados (SANTOS, ESTEVAM, MARTINS, 2018, p. 47).

Primeiramente enfoquei o mapeamento de trabalhos que estivessem relacionados e pudessem contribuir com este estudo. Posteriormente, deu-se o aprofundamento teórico, produção e análise dos dados.

Busquei convergir minhas vivências enquanto bailarina e diretora com a vivência dos sujeitos da pesquisa durante o seu processo formativo e no decorrer da criação do espetáculo “Trajeto, Trajetória, Trajetos, (IN) DECISÃO’’. Cabe ressaltar que os sujeitos são alunos do curso de Dança Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, no qual participaram como intérpretes criadores do espetáculo mencionado.

A produção de dados se deu da seguinte maneira: contato online com os sujeitos via whatsapp, em função do contexto pandêmico, em duas etapas.

Etapa 1: Atividade poética “Revisitando os processos e os momentos do espetáculo: Trajeto Trajetórias Trajetos (IN)DECISÕES”. Criou-se um material com o objetivo de provocar a revisitação do processo/produto do espetáculo, mobilizar memórias e instigar a escrita sobre o que foi sentido com a atividade.

Etapa 2: A partir de pergunta disparadora busquei conhecer as memórias dos bailarinos do espetáculo e as histórias que os traziam até essa linguagem artística chamada dança com vistas à construção de uma narrativa.

Para Delory-Momberger (2008, p.35):

> a narrativa que confere papéis aos personagens de nossas vidas, que define posições e valores entre eles; é a narrativa que constrói as circunstâncias, os acontecimentos, as relações de causa, de meio, de finalidade; que polariza as linhas de nossos enredos entre um começo e um fim e os leva para a sua conclusão; que transforma a relação de sucessão dos acontecimentos em encadeamentos finalizados; que compõe uma totalidade significante, na qual cada evento encontra seu lugar, segundo sua contribuição na realização da história contada.

Apostei na narrativa como um caminho para abordar o repertório vivencial dos sujeitos da pesquisa, enfocando o corpo e suas memórias na dança durante o processo/produto do espetáculo “Trajeto, Trajetória, Trajetos, (IN) DECISÃO". Busquei também as minhas memórias enquanto diretora, fazendo-as convergirem com a memória dos sujeitos da pesquisa.

Utilizar das narrativas foi de grande importância para este trabalho, pois revela aspectos das experiências vividas durante o processo criativo do espetáculo, bem como aspectos do seu processo formativo no decorrer de sua história de vida, compreendendo o sujeito em uma perspectiva singular-plural[6]. Isso é possível pois as narrativas, conforme Abrahão (2003, p.81), “permitem, dependendo do modo como nos são relatadas, universalizar as experiências vividas nas trajetórias de nossos informantes”.

Foi solicitado aos sujeitos autorização para a utilização e divulgação dos dados por meio de carta de cessão lida e assinada por eles (ANEXO A).

Concomitantemente, retomei o Memorial do espetáculo e analisei o processo criativo relacionando corpo, memória e dança. Essa revisitação ao memorial se deu entre junho e julho de 2020, revisitando também imagens, anotações, vídeos de ensaios e *playlist* do espetáculo.

A análise foi elaborada a partir dos pontos mais significativos das narrativas e do memorial buscando responder a seguinte questão: De que maneiras e quais as memórias do corpo foram mobilizadas no processo de construção do espetáculo “Trajeto, Trajetória, Trajetos (IN) DECISÕES”?

Etapas da pesquisa:

1) Mapeamento de pesquisas já realizadas;
2) Construção do referencial teórico a partir de pesquisa bibliográfica;
3) Retomada do Memorial do espetáculo;
4) Coleta dos dados: Contato com os bailarinos a partir de atividade poética e pergunta disparadora;
5) Análise e discussão dos dados;

[6] A ideia de singular plural tem como base teórica a autora Marie-Christine Josso (2004) que considera o singular vinculado à subjetividade de cada indivíduo e o plural a relação do sujeito com o coletivo, sociedade.

6) Escrita final do TCC.

2.1 Mapeamento de pesquisas

Minhas pesquisas se iniciaram nos TCCs já elaborados e que se encontram disponíveis no site do Curso de Dança Licenciatura da UFPel. Busquei os que se aproximavam mais da minha linha de pesquisa. No site existem TCCs disponíveis a partir do ano de 2012 até 2019. Em 7 anos constam 79 trabalhos. Do total, 7 foram selecionados como pesquisas que vão ao encontro deste estudo. A seleção desses trabalhos se deu primeiramente pelos seus títulos, depois pela leitura das metodologias de pesquisa. Foi assim que eu selecionei os trabalhos que se aproximavam do meu.

Ano	**Total**	**Selecionados**	**TCC** CURSO DE DANÇA LICENCIATURA » Trabalhos de Conclusão
2012	4	0	
2013	10	0	
2014	12	2	SILVA, Ândrea Rodrigues. **Somos o processo de um produto inacabado:** Como as disciplinas de Ação e Movimento I e Composição Coreográfica I movimentam as minhas práticas artísticas no Curso de Dança Licenciatura UFPEL**,** 2014. LUPINACCI, Letícia Gabriela. **A que horas você vem?** Investigação sobre um processo criativo em dança, 2014.
2015	5	1	OLIVEIRA, Vanessa Rocha. **MEMÓRIAS E NARRATIVAS:** Protagonistas do Ballet Clássico na cidade de Rio Grande/RS. 2015.
2016	5	1	DUARTE, Taison Furtado. **ENSINO DE DANÇAS URBANAS HOJE:** um estudo sobre práticas artístico-pedagógicas contemporâneas na cidade de Pelotas – RS, a partir do olhar docente. 2016
2017	8	1	ARRIETA, Tais Bastos Botelho. **Fragmenformance:** como contar com o corpo. 2017.

2018	24	2	ROCHA, Beliza Gonzales. **Entre Lo(r)cas tramas:** possibilidades de criação de personagens em uma montagem de dança contemporânea**.** 2018. PORTELA, Carolina Martins. **Os caminhos formativos de uma artista professora:** a história de Janaína Jorge. 2018.
2019	15	2	SANTOS, Shaine Beatriz dos. **Dança na Ditadura Militar:** reflexões a partir da trajetória de Eva Schul. Pelotas: 2019. SILVA, Carolina Pinto da. **Ensino de dança e investigação de si:** memórias formativas de uma professora-artista. Pelotas: 2019.

Através das pesquisas nos TCCs do Curso de Dança, estruturei minha pesquisa, buscando autores referências e metodologias que se encaixavam no meu tema. Após o mapeamento no site do Curso, comecei as pesquisas no site de catálogo de teses e dissertações da CAPES[7], com palavras chaves (que constam na tabela abaixo), que considerei naquele momento, mais relevantes para minha pesquisa

Palavra chave da pesquisa:	**Filtros:**	**Resultados:**
memoria + corpo biográfico + dança		72185
memoria + corpo biográfico + dança	Tipo: Mestrado Ano : 2018	3161
memoria + corpo biográfico + dança	Tipo: Mestrado Ano : 2018 Grande área do conhecimento: Ciências humanas linguagens letras e artes Área do conhecimento: Educação e artes	392
memoria + corpo biográfico + dança	Tipo: Mestrado Ano : 2018	142

[7] Disponível em: https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/

	Grande área do conhecimento: linguagens letras e artes Área do conhecimento: Educação e artes Área de avaliação: Artes	
memoria + corpo biográfico + dança	Tipo: Mestrado Ano : 2018 Grande área do conhecimento: Linguagens Letras e Artes Área do conhecimento: Dança Área de avaliação: Artes Área da concentração: Dança	11
memoria + corpo + dança		71327
memoria + corpo + dança	Ano: 2018 Tipo: Mestrado Grande área do conhecimento: Linguagens, Letras e artes Área do conhecimento: Dança	18
memória + corpo + dança		71327
memória + corpo + dança	Ano: 2018 Tipo: Doutorado Grande área do conhecimento: Linguagens, Letras e artes Área do conhecimento:dança Área de avaliação: Artes	0
memória + corpo + dança	Ano: 2018 Tipo: Doutorado Grande área do conhecimento: Linguagens, Letras e artes Área do conhecimento:Artes Área de avaliação: Artes	11

Com as palavras chaves selecionadas obtive um número grande de resultados, sendo necessário adicionar filtros, conforme é possível observar acima. Os trabalhos encontrados contribuíram para o embasamento teórico da pesquisa, repercutindo nos estudos de aprofundamento do tema e na escrita do projeto e trabalho final.

3. Referencial teórico

Neste capítulo, faço uma discussão teórica, buscando problematizar sobre improvisação, memória, corpo. Além disso, coloco-me como sujeito nesta escrita, falando sobre meus processos e minhas memórias na dança, que me levam a criar.

3.1 Dança

Através da dança me debruço sobre a poesia e com o corpo resolvo contar, pois é a maneira que me expresso, não importa o que estou sentindo, a dança sempre foi e será meu refúgio, como se meu corpo fosse meu diário. Ali escrevo e me leio através de cada composição.

Minha forma de criar sempre foi através dos sentimentos arraigados no meu corpo, este fato justifica a arte do improviso, por meio dessa bagagem começo a criar, improvisar a partir de uma música, um cenário ou algo que me fizesse lembrar, sentir e expressar esses registros através de cada movimento.

Sinto que ao improvisar exercito um corpo que dança com liberdade, as inúmeras vivências e as diferentes técnicas e métodos de dança, contribuem para exteriorizar todos os movimentos que me deixam à vontade na hora da criação, seja ela de estímulos externos ou internos.

Na disciplina de composição II ministrada pelo querido professor Alex Almeida, foi onde eu descobri a maneira mais sensível de construir e de expressar a minha dança. A música, o figurino e o cenário estavam escolhidos, então faltava criar, mas eu não conseguia, as coisas que saiam não eram o que eu queria transmitir, desejava que as pessoas me sentissem, me entendessem através da dança; só consegui fazer isso criando a partir de um roteiro e dançando livre através do meu cenário quarto.

A composição (Figura 7) retratava a minha rotina da faculdade para casa e o como eu me sentia nesse contexto, o quanto meus sentimentos e meu psicológico estavam abalados naquele momento. Na época eu dividia o apartamento com quatro meninas, mas o único lugar que eu vivenciava era o meu quarto, o quarto que se fez casa durante muito tempo, trazendo o nome da composição "Meu quarto/casa".

Essa composição trazia com ela muitos dos sentimentos que eu estava passando, por este motivo escolhi criar improvisando, pois assim os movimentos eram mais verdadeiros e com mais intensidade, criei apenas um roteiro e adequei onde queria iniciar. Só assim consegui realizar o que realmente gostaria. Ao me deparar com tudo isso e essa forma de criar começo a me questionar se isso é uma maneira de fazer e de criar dança. Por vezes achei que as coisas estavam soltas, mas não, foi a maneira que encontrei de me expressar, colocando meus sentimentos em cena. “A improvisação em dança é, muitas vezes, considerada como uma ‘terra sem regras’, onde há pressuposto de uma erupção permanente de novidade e onde a liberdade passa a ser a garantia da produção do novo” (KATZ, 1996 apud MARTINS, 1999, p. 10).

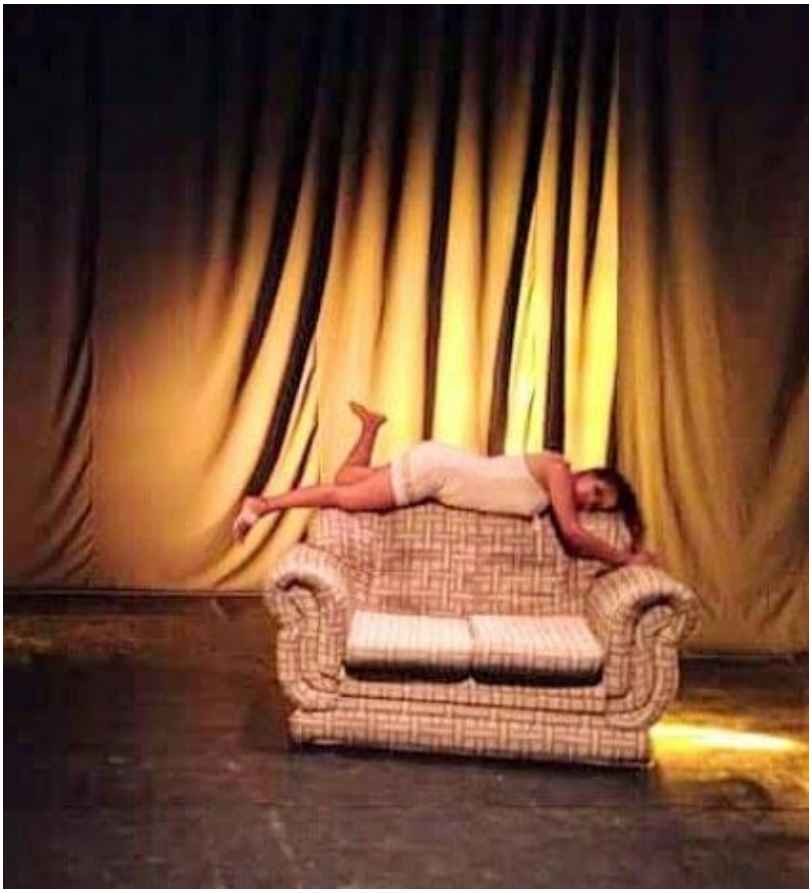


Figura 7: Apresentação da Composição “Meu quarto/casa”.
Fonte: Acervo pessoal.

Na imagem acima, referente ao dia da apresentação ocorrida no prédio “Preto Teatro e Dança” na sala Carmem Biasoli, da UFPEL (Universidade Federal de Pelotas)

com a composição “Meu quarto/casa” é possível perceber a presença de uma luz baixa e amarelada ao fundo, buscando remeter ao público a luz de um abajur. Um sofá o mesmo que se fez cama dentro do cenário da composição, já que se baseava no quarto onde eu passava grande parte do dia. Minha intenção foi trazer para a cena o máximo de cenário que pudesse retratar os objetos do meu quarto - eu, bailarina, deitada acima do encosto do sofá de bruços, camisola branca e cabelos soltos.

Dessa maneira começou uma pesquisa sobre improvisação na dança para que eu pudesse falar, argumentar e explicar minha composição. Diante disso eu encontro as autoras: Mara Francischini Guerrero (2008), Cleide Martins (1999), Juliana Cunha Passos (2014), Gabriela Di Donato Salvador Santinho e Kamila Mesquita Oliveira (2013). Todas essas autoras trazem conhecimento e referências de improvisação na dança.

A palavra improvisação no senso comum nada mais é que algo feito inesperadamente, às pressas, mas na dança é expressar-se, permitir-se, deixar o corpo falar através dos nossos movimentos. Não só na dança como nas artes em gerais, a improvisação é muito utilizada como forma de estímulo de criação, de ideias e até mesmo de um conteúdo. Improvisação segundo o dicionário Aurélio é substantivo feminino, ação, arte de improvisar: bem-dotado para as improvisações. Improviso. E para as autoras Santinho e Oliveira (2013) é, “inspiração de ocasião”, ou seja, algo que traz ao corpo movimentos carregados de informações graças às inspirações do “aqui e agora”.

Impossível falar de improvisação na dança sem falar do nosso eu, sem trazer para cena o que somos, pois somos o que vivemos, o que sentimos e o que lembramos. Quando o corpo improvisa ele traz automaticamente as nossas memórias e vivências já passadas, seja nossos gestos, sejam os sentimentos e nossas atitudes, tudo e todas as coisas que fazemos e o modo com que agimos faz ser o que somos. Para Passos,

> a forma como nos movimentamos, sentamos, deitamos, caímos, ficamos em pé, pegamos objetos, nos vestirmos ou nos despirmos, comemos, recebemos e damos carinho, conversamos, respiramos, choramos ou beijamos, entre tantas outras atividades humanas, marca nossa aparência física, nossa personalidade, nosso comportamento, nossa história de vida. Nós somos nossas vivências e nossas memórias (PASSOS, 2014. p.2).

Segundo Guerrero (2008) existem duas formas de improvisação, improvisação sem acordos prévios e improvisação com acordos prévios, essa última se subdividindo em duas classificações, improvisação em processo de criação e improvisação com

roteiros. Na dança utilizamos de todos esses modos de improvisação, às vezes sendo consciente do que estamos usando e em outros momentos não.

O modo de improvisação sem acordos prévios que Guerrero (2008, p.1) traz é aquele que costumo usar muito em performances em grupo ou individual em que “os arranjos ocorrem somente no ato de sua apresentação pública. Trata-se de composições imprevistas, que contam com revisões acerca das relações habituais da dança”. Mesmo que apenas por estímulos internos ou externos nos movemos dançando, seja uma música, seja o som da rua, seja a batida do coração, o quão acelerado ou desacelerado se está naquele momento, sendo movimentado pelo sentimento de como estou no aqui-agora.

Todos os movimentos que criamos e expressamos corporalmente através de um estímulo partem de nossas vivências. Assim, entendo que ao improvisar buscamos em nosso repertório pessoal e já vivido na dança, elementos para a criação. Elementos que são nossos gestos, nosso jeito, nosso humor e nossos sentimentos e da dança tudo aquilo que já vivenciamos dançando, seja o balé, jazz, danças urbanas e até mesmo uma mistura de gêneros de dança que já foram experimentados pelo nosso corpo. Atualmente a improvisação no contexto da dança está cada vez mais sendo utilizada.

> Na atualidade muitos artistas realizam seus processos de criação através de improvisações. São propostas experimentações como estudo e desdobramento de questões relativas à obra em processo. A opção por trabalhar neste formato, está conectada a imprevisibilidade de suas experimentações, que pode gerar soluções inesperadas e diversas, visto que os artistas envolvidos têm autonomia sobre o processo (GUERRERO, 2008. p. 8).

A improvisação proporciona autonomia para o bailarino se expressar, promovendo a investigação de novos movimentos e observando os limites do seu corpo, proporcionando assim autonomia de gêneros e a maneira que a dança vai decorrer.

O improviso com acordos prévios, como o próprio nome já diz é aquele que estabelece acordos de como vai ser utilizado, ou quando esse modo de improviso se subdivide em duas partes, improvisação com roteiros e improvisação em processo de criação. Conforme Guerrero (2008, p.3) “esta forma abrange as improvisações que contam com acordos prévios em suas elaborações, seja em seu processo como em sua apresentação”.

A improvisação com roteiros é aquela que delimita regras prévias dos acontecimentos da improvisação, foi o tipo de improvisação na qual eu cito no início do texto. Esse tipo de improvisação se elabora um roteiro descrito no papel para que não se perca dos acontecimentos desejados no meio da apresentação, não é necessário passar para o papel todas as coisas e sim as mais importantes durante a dança, como algum salto que deseja que aconteça ou alguma interação com o público em algum momento específico, por exemplo. Para a autora (GUERRERO, 2008, p. 4) “os roteiros servem como parâmetros, definindo: desenvolvimento da improvisação; e/ou tipos de movimentos; e/ou relações entre dança e outras linguagens; e/ou relações entre artistas; e/ou relação com público”, delimitando coisas básicas e importantes que ocorrerão na apresentação, seja em grupo ou individual.

Já a improvisação em processo de criação

> Trata-se de processos de criação que contam com improvisação como fomentadora de suas investigações. Esses processos ocorrem no período anterior à apresentação da dança, são experimentos realizados entre artistas, durante ensaios, que posteriormente se formalizaram em composições (GUERRERO, 2008, p. 3).

Esse tipo de improvisação é usado para investigar movimentos para composição, através de algum estímulo interno ou externo, jogos, perguntas e até mesmo uma pose ou passo a ser complementado.

O ato de improvisar ou utilizar da improvisação hoje em dia no meio artístico é mais que normal, é natural, faz parte da criação, do bailarino e da cena, como colocam as autoras Santinho e Oliveira (2013, p.9): “afinal, o homem sempre utilizou o próprio corpo e seus movimentos para expressar seus sentimentos e emoções". Nem sempre o ato de improvisar foi bem-visto em todos os campos da dança, como no balé clássico por exemplo, que sempre manteve seus padrões codificados.

Conforme colocam as autoras acima mencionadas:

> no processo de evolução do Balé, o improviso foi tendo cada vez menos espaço. As danças sociais da corte europeia, que já eram bastante codificadas, com a definição de movimentos e espacialidades, deram origem aos “Balés de Corte”, surgidos no século XV, na Itália, que já se caracterizavam como uma linguagem amplamente ensaiada, com desenhos espaciais muito bem programados. Mais tarde, evoluíram para a técnica do Balé Clássico, o qual começa a se definir de maneira cada vez mais codificada a partir do surgimento da Academia Real de Dança, na França, em 1661 (SANTINHO, OLIVEIRA, 2013, p. 14).

A improvisação fica mais visível na dança e principalmente na dança moderna através da bailarina Isadora Duncan (EUA, 1877 – 1927), bailarina norte-americana uma das precursoras da dança moderna[8], vem para quebrar os paradigmas do balé, criando os seus. Santinho e Oliveira (2013) citam uma frase dita por Isadora Duncan na sua adolescência ao empresário de teatro Augustin Daly: “descobri a dança. Descobri a arte que há 200 anos tem andado perdida”. A bailarina cansada de viver dançando dentro das regras e termos técnicos do balé, mostra com esta frase uma nova forma de mostrar sua dança, seus movimentos e seus sentimentos.

> A expressão “descobri a dança”, pode ser lida num sentido mais subjetivo, de “descobrir a própria dança” – o que nos traz uma das prerrogativas presentes na Dança Moderna, na qual os bailarinos, na busca pela liberdade criativa, dançam a partir de suas próprias subjetividades, criando danças carregadas de idiossincrasias e, muitas vezes, como o foi o caso de Isadora Duncan, dando espaço a trechos de improviso, o que era intitulado como Dança Livre – uma dança desprovida de códigos pré-estabelecidos, guiada principalmente pela expressão das emoções, pelo “sentir da música” e pela liberdade de movimentos muito simples (SANTINHO; OLIVEIRA, 2013, p.16).

A bailarina levou ao público essa nova forma de fazer a sua dança em meio a tempos que o público estava acostumado a um padrão de espetáculos de dança, com figurinos e cenários luxuosos e aquela dança repleta de termos técnicos e padronizada. Isadora Duncan chega dançando de forma simples e livre, recebendo críticas e também encantando o público que soube ler sua dança de maneira poética e expressiva.

O início da dança moderna se dá dessa forma através da improvisação, trazendo novos paradigmas. Assim como qualquer outro método e gênero de dança, a dança moderna também se estruturou a partir de técnicas e novos códigos, tendo o improviso pouco espaço neste período, conforme colocam as autoras abaixo.

> Citamos aqui Isadora Duncan, por ser uma das precursoras desse movimento de Dança Moderna, que de fato, influenciou o florescimento de uma liberdade expressiva nessa forma de arte. Mas ainda assim, o ato do improviso na Dança – nosso foco de estudo – teve pouco espaço no período da Dança Moderna, já que ela ainda estava centrada nos preceitos técnicos e nos novos códigos que surgiam com o trabalho dessa gama de novos vanguardistas, tais como Ruth Saint Dennis, Ted Shawn, Martha Graham, Doris Humphrey e tantos outros que foram desenvolvendo técnicas próprias e ampliando as possibilidades expressivas da Dança Teatral, ainda sob a perspectiva de códigos pré-

[8] Um estilo, gênero de dança que surgiu em meados do século XIX.

> estabelecidos, embora muitos deles tenham surgido durante estudos corporais em situação de improvisação. (SANTINHO; OLIVEIRA, 2013. p.17).

Figura 8: Isadora Duncan
Fonte: http://artenarede.com.br/blog/index.php/tag/isadora-duncan/

Dessa forma a improvisação entra em cena na dança, depois tendo seguimento com outros precursores como Laban[9], que trouxe o estudo da utilização espacial, as variações de tempo e dinâmica do movimento, que são utilizadas até hoje na dança contemporânea. Como podemos ver acima, a improvisação foi ganhando espaço no contexto da dança com os artistas citados e seus diversos estudos e criações.

Através do reconhecimento da improvisação na dança novas formas de composição foram acontecendo. Destaco o triângulo da composição onde possibilita que os bailarinos explorem e façam relações a partir de seu repertório pessoal e criativo, utilizando da improvisação.

[9] Rudolf Laban (Áustria Hungria: 1879-1958), dançarino, coreógrafo, considerado o maior teórico da dança, do século XX, e “pai da dança-teatro”.

O triângulo da composição possibilita que o bailarino busque em seu reservatório imaginário, ou seja, reservatório que agrega vivências, memórias, crenças, valores, desejos, registros corporais... elementos para a criação, possibilitando ao bailarino, ao coreógrafo pensar a dança, estruturar seus movimentos e levar a cena.

O triângulo da composição traz três vertentes, o imaginário criativo, o corpo cênico e o movimento estruturado. Para Lobo e Navas (2008, p.22) "**o imaginário criativo**, que se refere aos conteúdos e ideias percebidas, vivenciadas, sentidas, inscritas e imaginadas no corpo. **O corpo cênico**, que se refere ao corpo preparado para a cena. **O movimento estruturado**, que se refere à elaboração do movimento, que se estrutura em ações, espaço, dinâmicas e relacionamentos".

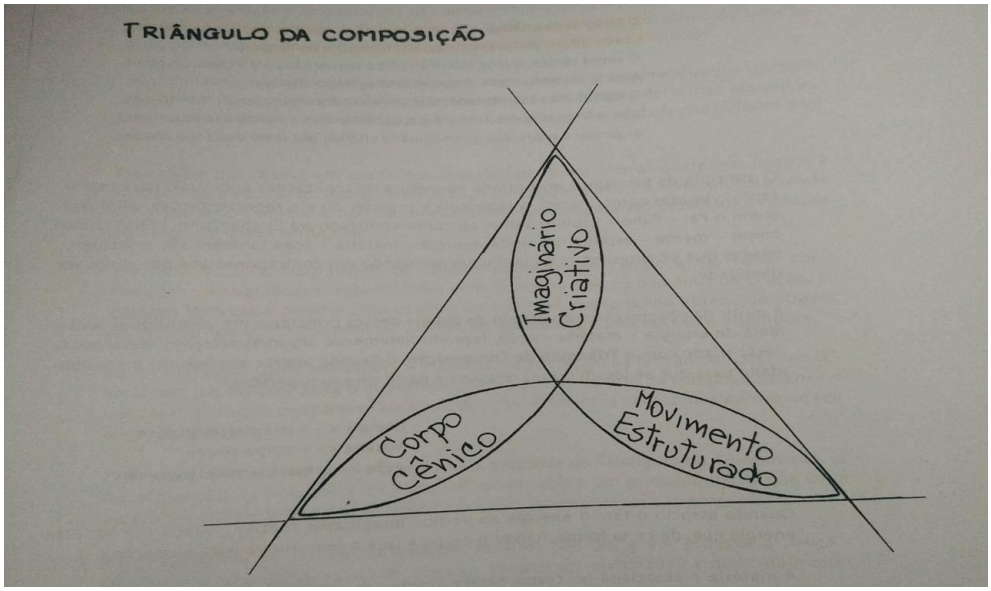


Figura 9: Triângulo da composição
Fonte: (LOBO; NAVAS, 2008, p. 23)

O triângulo da composição é uma estratégia para a criação através da improvisação, pois o primeiro passo dele que é o imaginário criativo, ou seja, o próprio corpo, imbuído de sensações, sentimento, memórias, ideias, conteúdos percebidos e imaginados, vai deixando fluir os movimentos que vão surgindo, acontecendo assim o primeiro passo da improvisação.

O corpo cênico se refere ao princípio básico da dança corpo - espaço - tempo, colocando em prática todos os movimentos experimentados no imaginário criativo. e o movimento estruturado trata-se das estratégias focadas na elaboração, corpo, ações,

espaço, dinâmica dos movimentos, tendo como meta a organização e a estruturação de conteúdo do imaginário criativo manifestados por movimentos do corpo cênico.

> Nas artes corporais, cujo material do artista é ele próprio, isto se torna mais evidente. O artista é objeto de pesquisa, de criação e a própria obra. Criador e criatura. Sujeito e objeto. Forma e conteúdo. O corpo se expressa e comunica sentidos e significados mesmo quando não há intenção ou desejo (PASSOS, 2014. p.2).

Como o próprio imaginário criativo já traz a criação vem dos sentimentos, das vivências das sensações e toda a bagagem que o nosso eu corpo carrega, é quase que impossível improvisar sem trazer ao movimento nossas experiências corporais, e quando trago a palavra corporais falo de história, história que está registrada em cada um de nós, no nosso corpo.

3.2 Corpo e Memória

Corpo que se faz casa de quem somos, aquele que registra, sente e transborda tudo que vivemos, sentimos e passamos; corpo que dói, dores externas ou internas; corpo aquele que tem uma pele que cobre todos nossos órgãos e tecidos, que é capaz da gente sentir o toque, sentir o gosto, que permite ouvir e apreciar os cheiros... ah esse corpo que carrega tudo que somos e tudo que viermos a ser… O corpo, que traz não somente todas essas funções de sobrevivência de um ser humano, mas também a história dentro dele, de ser quem somos cobertos de cicatrizes oriundas das nossas vivências, sendo elas boas ou ruins. Para Vianna e Castilho (2002, p.25).

> O corpo traz uma história, uma espécie de memória que está impregnada nos músculos, nos tendões, nos órgãos, no padrão de respiração. Memória afetiva dos tempos de infância, memória muscular do desenvolvimento motor nos primeiros anos de vida, e também memória de cada tombo, cada salto, cada cambalhota, cada dança. Um instante de prazer, e eis que o corpo é capaz de registrá-lo, e revivê-lo muitas vezes, através de sutis mecanismos.

Corroborando com as autoras, falar de memórias é falar de corpo, somos o que vivemos, sentimos e passamos e tudo isso fica gravado nessa morada. É incrível como através de um cheiro ou de uma fotografia conseguimos ir a uma lembrança tão profunda,

o quanto algo tão pequeno pode nos levar a memórias tão antigas e brotar emoções tão reais quanto ao momento vivido.

Consigo lembrar da minha infância na casa da minha avó através do cheiro do boldo, de alguma maneira esse cheiro é um marco da minha infância, talvez pelo fato dela ter no quintal de casa um pé enorme da planta. Ela ficava na frente da casa ao lado de uma banheira onde lavávamos as roupas e em dias quentes meu irmão, minha prima e eu tomávamos banho.

Ao redor do pé de boldo havia alguns tijolos e alguns ladrilhos alaranjados com desenhos de flores desbotado devido as intempéries, aos meus olhos o pé de boldo era enorme talvez pelo fato de eu ainda ser criança, ele tinha folhas grande e verde musgo. Esta importância deve-se talvez pelo momento de carinho que era agregado na utilização do boldo, minha avó costumava fazer chá e dar aos netos quando estavam com algum problema de saúde, ela era a curandeira da vizinhança.

Depois que minha avó faleceu o pé de boldo não permaneceu por muito tempo, fiquei profundamente triste em ver aquele espaço vazio, para mim aquele lugar nunca mais fez sentido não consigo lembrar de como ele é atualmente. Este fato se justifica pelo valor e sentimento atribuído a ele remetente aos cuidados e carinhos da minha avó, para mim o pé de boldo é sinônimo de proteção e amor, e sentir esse cheio traz as melhores lembranças e emoções da minha infância. Foi durante a disciplina de Expressão Corporal, ministrada pela professora Débora Allemand (Deka), já mencionada anteriormente, que vivo minha primeira experiência relacionada à memória e criação. A partir de uma atividade envolvendo os sentidos (olfato), em que a professora Deka levou vários cheiros para escolhermos, surgiu minha primeira composição, que teve como principal estímulo o boldo, reportando-me às memórias da minha infância e de minha avó.

As memórias nos fazem lembrar de quem fomos, o que somos, o que vivemos e as pessoas no qual convivemos que de certa forma contribuíram para a construção da nossa bagagem sentimental e pessoal. Existem memórias boas de serem lembradas aquelas que nos trazem nostalgia, conforto e compaixão, mas também temos aquelas que doem que deixaram mágoas ou lembranças de um momento ruim, mas jamais esquecendo que todo o tipo de memória colabora para quem somos hoje.

Como traz Izquierdo (2004, apud BRANDÃO, 2008, p. 2), “memória é a aquisição, conservação e evocação das informações, dos fatos vividos por cada indivíduo”. Diz ainda que **“nada somos além daquilo que recordamos”** (grifos meus). É difícil fugir daquilo que vivemos, tudo aquilo que passamos vai ficando registrado de alguma forma em nosso corpo e às vezes sem perceber nossos atos de hoje trazem vestígios do que passamos no ontem, por isso toda a memória sendo ela boa ou ruim, nos constitui. Diante disso, pode-se dizer que o corpo está presente em todas as situações da vida. É através dele que sentimos, nos emocionamos, exploramos e que acontece o processo de criação.

Leloup (1998 apud Zanella, 2013, p.44)

> considera o corpo como o lugar de nossa memória mais arcaica, onde nada é esquecido. Seja na primeira infância ou na vida adulta, cada acontecimento vivido deixa sua marca no corpo de maneira profunda. Grotowski (2010) também discute sobre a ideia de que o corpo é memória, tendo como premissa que o corpo-memória é determinante na maneira que o ser humano se relaciona com certas experiências ou ciclos de experiências no decorrer de sua vida. (...) São essas interações que ficam na memória do corpo, registradas no reservatório de cada pessoa, podendo ser resgatadas em algum momento, através de uma escuta do que emerge de si.

O corpo fala pelos gestos, pelos movimentos. Basta relembrar algo que ele por si só já retoma a sensação daquela memória. Para mim, o processo de criar dança através de memórias e vivências se dá desta forma, lembrando e apenas deixando o corpo falar através do movimento, expressando o que o meu corpo registrou do vivido.

> Tudo que nós vivemos, todas as experiências, sensações corporais, emoções, sentimentos, relacionamentos (consigo, com o outro, com o mundo) marcam nossa vida e nos faz ser quem somos (fisicamente e psicologicamente). Não é a genética que nos define, são nossas vivências (PASSOS, 2014, p. 2).

Penso como é incrível a maneira que o nosso corpo reage às nossas memórias quando lembradas, os sentimentos e as sensações que afloram em nosso corpo e em nossa alma. Por vezes alguns acontecimentos ficam adormecidos nos fazendo crer na destruição daquela dada memória, mas basta um gatilho para resgatar a lembrança e o corpo então fala, com um sorriso, uma lágrima ou um arrepio, por exemplo.

O corpo assimila, registra, reage. Hoje como mãe não existe lembrança mais forte e sensitiva do que a gravidez e o nascimento do meu filho, e quando lembro desse momento a sensação e expressão que o meu corpo traz é um grande sorriso e um

sentimento de saudade, ao mesmo tempo penso que o tempo está passando tão depressa enquanto ele cresce agora fora de mim.

Ter memórias é estar vivo, é fazer parte de um conjunto, é se construir e se reinventar. Vianna e Castilho problematizam o corpo a partir da ideia de que o corpo fala, o corpo cria, o corpo pensa.

> Assim, o corpo fala. Ele fala, ou seja, traduz, toda essa história de vida, e fala dos desejos e limites atuais. Fala através do volume do som da voz, dos tiques e cacoetes, do jeito de abaixar a cabeça, do nível do olhar voltado sempre para o chão, para a frente ou para o alto; fala através do posicionamento da cabeça sobre ombros, do jeito que estes se curvam ou se empinam; falam de um indivíduo que não tem “intimidade” com o chão, pois não senta em roda, não apoia o pé, sempre cai e se machuca. Fala através dos joelhos “em vara”, dos joelhos “em xis”, do quadril apontando para frente ou da respiração ruidosa. Fala através do tônus da pele, do brilho dos olhos, do balançar dos quadris, do sorriso e do choro. Mas fala não só de registros, não só de memórias, não só do que já passou. Ele fala também do que está ocorrendo agora, enquanto você lê este texto, enquanto você dá aula, enquanto aprende. Ele fala de contínuas transformações que estão ocorrendo o tempo todo, exatamente porque consiste numa estrutura dinâmica. (...)Então... o corpo cria. Cria a si mesmo, quando refaz suas estruturas, quando se modifica, quando metaboliza alimentos. Cria as relações à sua volta, quando ocupa um lugar no espaço, se “achata” ou se expande, quando se expressa de forma verbal e não verbal. Cria tensões e desejos, de alcançar algo, tocar em alguém, se retrair, agredir, fugir, acarinhar. Cria situações expressivas, quando dança, canta, representa, gesticula, imita, mimetiza. E cria fatos. Gera conhecimento. Gera emoções. Cria doenças. Cria saúde. Como pode “pensar” o corpo? Pois o corpo pensa. De uma maneira ou de outra, ele sabe o que é melhor para ele. Mesmo que à primeira vista pareça um contrassenso o corpo “criar "uma situação insustentável, pode apostar que ele sempre o faz por um motivo, uma utilidade. O corpo “sabe” o que é melhor para ele, a cada momento. Ele é capaz de criar todo um sistema de compensações para equilibrar um problema localizado, por exemplo. Ele reconhece agressões ou cuidados. (VIANNA; CASTILHO, 2002, 25-27).

Trabalhar com o corpo é contar quem somos a todo instante. Quando lidamos com arte é impossível fugir de todo nosso repertório existencial que fica como tatuagem nessa casa-corpo. Ao improvisar, o corpo reporta-se a si. Os movimentos, seja os mais simples, dizem muito do que já passamos. Ao dançar não é diferente.

> Quando iniciamos um processo criativo em alguma linguagem artística, toda esta “bagagem” aparece: não é possível separar a nossa existência de nossa história vivida. Eu sou o que vivi e o que eu vivo. Esta “bagagem”, em alguns aspectos, está presente no nosso consciente e em grande parte, guardada no inconsciente, podendo ser ou não acessada, vir ou não vir à tona dependendo de fatores externos ou internos. (PASSOS, 2014. p.2).

Fazer dança utilizando do improviso é investigar a si mesmo a todo instante. É revisitar cada memória e trajetória existente, possibilitando uma (re)descoberta, bem

como, conhecer muito do outro, por trazer toda a bagagem de quem somos nesse corpo que ali dança, contando uma história que está registrada em cada detalhe de movimento apresentado.

4. "Trajeto, Trajetória, Trajetos (IN) DECISÕES": Memorial

Neste capítulo trago o memorial do espetáculo "Trajeto, Trajetória, Trajetos (IN) DECISÕES, escrito no final da disciplina de Montagem de Espetáculo II, em junho de 2019.

Cabe ressaltar que o espetáculo se caracterizou por ser um trabalho colaborativo, envolvendo um grupo de pessoas que contribuíram significativamente para a sua realização. Abaixo o nome da equipe técnica.

Bailarinos: Brayan Bretanha Machado; Natalia Camargo.

Iluminação: Renan Brião

Identidade Visual: Lorraine Clara

Comunicação: Brayan Bretanha Machado; Natalia Camargo; Nayane Lima.

Locução: Fael Lima

Sonoplastia: Nayane Lima

Assistente de direção: Carol Portela

Contrarregragem: Cíntia Mendes; Daniela Ricarte; Felipe Pereira; Shaiane Beatriz; Yasmin Farias

Recepção: Débora Mendes

Fotografia e filmagem: Mateus Rossy & Bartel

Maquiagem: O elenco

Figurino: Ateliê de Figurinos da UFPel – Larissa Martins

Performance de Intervalo: Lise Peres

Cenografia: Carol Portela e Nayane Lima

Orientação: Thiago Amorim

Direção: Nayane Lima

É difícil para mim falar do projeto que se tornou um espetáculo, pois o meu foi diferente foi um espetáculo que se tornou projeto.

Minha ideia inicial de projeto de montagem era falar da minha avó, das minhas tias que já faleceram era trazer para cena a presença da mulher negra, independente, que sempre lutou para conquistar suas coisas e sustentar a família. Quando essa ideia não deu certo eu não sabia qual caminho recorrer, o que eu iria fazer?!

Em meio uma fase bem tumultuada na minha vida de ter que tomar algumas decisões, eu me senti perdida, então parei, respirei e comecei a pensar nas minhas decisões e trajetórias que aconteceram comigo neste período de faculdade. E então como eu sempre faço quando me sinto triste ou confusa comecei a escrever. Foi aí que nasceu meu espetáculo "Trajeto, Trajetória, Trajetos (IN) DECISÕES”.

Escrevi frases em meu caderninho que deram o embasamento para uma coreografia do espetáculo.

"Minha cabeça é um mar de ondas calmas e tsunamis..."

"Nunca desistir, talvez escrever e reescrever de novo..."

" Pontos da vida que se ligam..."

"Minha vida é pontilhada..."

"Você decide por onde ir..."

A criação do espetáculo se deu dessa forma cheia de indecisões e decisões em um momento da minha vida na qual eu precisava dizer sim ou não para muitas coisas que estavam acontecendo, além de criar um espetáculo.

Foi difícil chegar até uma conclusão até um tema que me satisfizesse. Eu chorei muito fiquei me sentindo péssima por estar há meses do espetáculo e não tinha nenhum tema nada decidido. Mas quando decidi, “vai ser isso”, aconteceu e foi tão leve e lindo, o processo de criar o espetáculo. Penso que foi uma das melhores coisas que eu pude fazer na minha trajetória acadêmica. Aliviei-me de todo aquele peso que eu vinha carregando e muitas coisas ainda foram acontecendo, mas eu soube lidar de maneira mais leve, pois a criação do espetáculo me trouxe isso, a tranquilidade e leveza para decidir para escolher e continuar.

Tanto eu como meus bailarinos se entregamos demais ao processo, fizemos partes juntos de cada escolha, de cada detalhe, fizemos questões de se ajudar de se encontrar em várias tardes, para um café, uma conversa, para cortar as senhas do espetáculo, para recolher folhas do cenário. Fizemos e compusemos juntos cada detalhe, nos apaixonamos pelo processo, pela trajetória que foi construir o espetáculo.

Cada frase das citadas acima que eu escrevi no meu caderno foram os nomes das coreografias do espetáculo, assim também dando embasamento de uma linha de

pensamento para cada cena. As coreografias e cenas do espetáculo foram criadas com exercícios de improvisação e estímulos tanto internos como externos e muita conversa.

4.1 A criação do espetáculo a partir do olhar de diretora e pesquisadora desse processo

Como cito no texto acima, a criação do espetáculo se deu através de uma fase da minha vida de muitas mudanças e decisões a serem tomadas. Assim como toda a minha criação em dança no período da Universidade, utilizando de vivências, memórias e do meu, aqui e agora.

Desde a minha primeira à última criação no Curso de Dança-Licenciatura, a improvisação com acordos prévios ou sem acordos prévios sempre esteve presente nas minhas criações, na montagem do espetáculo não poderia ser diferente. O tema do espetáculo fala sobre trajetos, remetendo a caminhos, estradas, direções, e nessas estradas há várias direções a serem seguidas existem decisões, que por vezes tendo outras opções nos deixam indecisos.

Quando escolhi o tema do espetáculo pensei exatamente nessa imagem, uma grande estrada de areia sem nada a sua volta, apenas areia, sendo que no fim dessa estrada ela se encontra com várias outras estradas direcionando caminhos diferentes. Foi daí que escolhi o tema do espetáculo, pensando então como trazer para cena essas indecisões e decisões da vida. Pensei em trabalhar com o improviso tanto no processo de criação do espetáculo quanto na cena.

As criações das coreografias e cenas deram-se por atividades de improviso, chamado de improvisação com acordos prévios em processo de criação. Em cada ensaio criamos uma cena ou coreografia, utilizamos nas criações as memórias e vivências dos bailarinos. Busquei mobilizar essas memórias por meio de frases, perguntas e até mesmo fotos nas quais eu pedia para eles revisitarem e trazerem.

A partir das memórias mobilizadas eu solicitava que retomassem o momento vivido e corporificassem com movimentos o que sentiam. Aos poucos ia direcionando lugares, níveis e tempo das movimentações, fazendo então as costuras para a criação.

As músicas e poemas escolhidos para a playlist do espetáculo serviram também como elemento para acessar as memórias e criar movimentos. Sempre antes de criar ouvíamos o poema ou a música na qual iriamos produzir, fazendo com que os corpos dos bailarinos pudessem sentir e adentrar na temática da próxima coreografia.

5. O que narram os bailarinos: sujeitos da pesquisa

Abaixo trago a narrativa dos bailarinos, sujeitos da pesquisa, Brayan e Natália, que a partir de atividade poética e pergunta disparadora foram instigados a revisitarem o espetáculo. A atividade poética na íntegra se encontra no apêndice B.

Atividade 1
Revisite a playlist do espetáculo.

Que lembranças, memórias e imagens surgem ao escutar a playlist do espetáculo?

Brayan Machado:
Saudade de todo o processo, foi lindo, incrível, gratificante, uma experiência prazerosa e que vou me orgulhar por toda a vida em ter feito parte.
1. Não deu um minuto e eu já estava em prantos, não aguentei e deixei as lágrimas rolarem... Um poema muito forte, mas com uma mensagem linda, que me ajudou a tomar muitas decisões na época do processo, estava com saudade de ouvir esse poema tão maravilhoso;
2. Primeira cena dançante e eu fechei os olhos e me deixei viajar no tempo e reviver o momento e a coreografia;
3. Acabei demorando a recordar como foi, mas ouvi diversas vezes depois e acabei relembrando, inclusive escutar o poema sem lembrar-me da coreografia foi inesperado, porque focava nos movimentos e no fim acabava por esquecer da mensagem que era transmitida, foi bem interessante;
4. Mesma sensação da segunda, eu fechei os olhos e deixei a memória trazer de volta todo o processo, incrível;
5. Lembrei de toda a correria que tivemos para trocar de figurino e mudar o cenário para o com as folhas, foi uma correria prazerosa que no fim valeu à pena e foi lindo;
6. Voltam a cair as lágrimas (risos), eu amei fazer essa cena, em especial por conta das nossas risadas e diversões na criação da mesma... que saudade;
7-8. Aquela sensação de que conseguimos e transmitimos o que devia ser passado, sensação de orgulho, de dever cumprido. Gratidão!

Natalia Camargo: *Ao ouvir pela primeira vez:*

Poema Se. Solidão, mágoa, força, recomeço decepção, quero força, traição/lealdade.

Música violino. Gosto, abraço e saudade da rotina da vida. Por mais que durante o processo essa música/coreografia tenha sido "pesada" para mim, trazendo lembranças ruins, medos e indecisões, hoje ela me abraça! Revivo não só lembranças dos dias de ensaio de criação, mas me vem coisas boas na cabeça, um conforto; apesar desse trajeto que estou fazendo hoje, esteja tão conturbado quanto ao que já fiz no passado...

Poema monja. Indecisão, dificuldade em fazer escolhas... e tá tudo bem. Aceite, entenda os sinais do seu coração e sentimentos.

Música rotina. Engraçado lembrar que de movimentos muito mecânicos que nós criamos e tudo em contagem certinha, nessa rotina de repetição eu esquecia de contar e fazia os movimentos sem pensar neles, só nos gatilhos e, de repente, me conectava com o Brayan e estávamos juntos cada um no seu mundo, mas juntos ali, naquele momento e vivendo aquilo, e sem perceber estávamos no toque certo e contagem perfeita (se é que existe – risos).

Poema costume. Hoje tenho medo do mundo se acostumar com o isolamento.

Ouvindo pela segunda vez...

Poema Se. Medo de estar sozinho de cair sem ter ninguém para me dar a mão, e se eu já deixei passar a minha oportunidade de vida, e se der certo ou errado...

Música violino. Loucura, depressão, luz no fim do túnel. Tiramos papéis com sentimentos, partes do corpo e velocidade. Foi intenso, se não me engano escolhi o trajeto que sempre fazia da minha antiga casa até o Centro de Artes... Todos os dias em uma rotina, depois disso comecei a variar as ruas por onde passava, busquei lugares mais bonitos e agradáveis ao invés de práticos e rápidos.

Lembrei da parte da coreografia, havia me esquecido. É a parte dos encontros rotineiros que não damos a devida importância até perdê-los (desabei a chorar), sentimento de vazio...

Poema quando a vida. Recomeço pensando em quantas vezes já recomecei até o dia desse espetáculo e mais algumas vezes depois dele. Sempre estamos recomeçando.

Poema costumes. Engraçado lembrar que nesse momento estamos trocando de roupa rápido como de costume para não perder hora, ou simplesmente fazer as coisas de forma mecânica sem perceber o que estamos fazendo.

Poema quando se vê. Difícil é de desfazer da casca do julgamento e de libertar para conseguir usufruir do tempo como queremos. Foi um final gostoso jogar as folhas para o alto, foi libertador! Lembrei de todos os nossos encontros para juntarmos todas essas folhas.

Poema monja. Indecisão. Decisões não são eternas e nem fixas. O que me machucou muito, por muito tempo foi pensar que tudo era pra sempre, que não poderíamos mudar de opinião, assumir um erro ou descobrir que era outra coisa que queríamos. Hoje eu sei, mas se não tivesse passado por tudo o que eu passei, do jeitinho que foi, eu não seria desse jeito, talvez não soubesse disso... não ficaria confortável em poder ou querer mudar a direção da minha vida.

Atividade 2:

Revisite os registros do espetáculo.

Escolha fotos ou vídeos que na sua opinião marcaram o processo criativo, sinta e descreva os sentimentos desse momento.

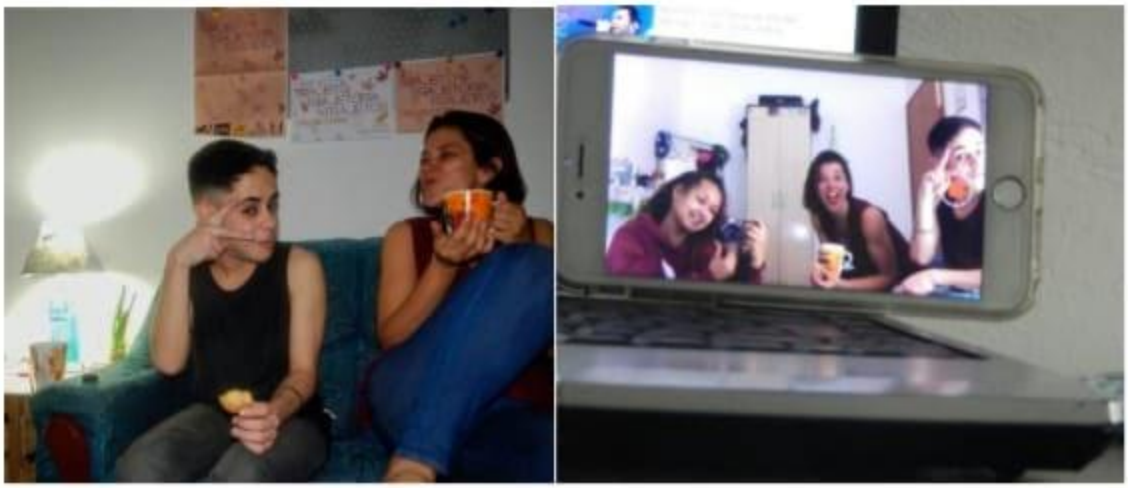
Todas as fotos aqui anexadas foram tiradas do acervo pessoal de Nayane Lima, no qual o link[10] foi disponibilizado aos bailarinos nos slides das atividades.

Brayan Machado:

[10] Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1HrZiMAQOnRRrm0zYswhErlwDCLd8f1ES?usp=sharing

(FOTO 1 e 2) Impossível deixar de mencionar estas fotos, nosso primeiro encontro, estava nervoso, curioso e muito interessado por essa nova experiência, nunca havia participado de um espetáculo e foi gratificante demais.

(FOTO 3- 4- 5) Esse dia foi muito especial, dia de "catar" o cenário (risos). Eu amei esse dia, foi um dos melhores dias que já vivi em Pelotas, por isso digo, do fundo do meu coração que sou muito grato por tudo isso. Passamos a tarde juntinhos, muitas risadas e conheci um lugar incrível, abençoado por Deus.



(FOTO 6 e 7) Ah, que dia! Eu acho que no fim, todos nossos encontros eram maravilhosos não dá pra negar, mas esse foi bem especial também, com direito a pãozinho de queijo e um final de tarde maravilhoso.

(FOTO 8- 9- 10- 11) Um de nossos ensaios que já faziam parte da nossa rotina, a atenção e dedicação da Nay conosco e sempre se esforçando para que tudo ficasse perfeito, quero ainda poder reviver todo esse processo, vai ser incrível e magnífico como foi...

(FOTO 12) Meu Deus o ensaio com o orientador, o nervosismo a flor da pele, o dia do espetáculo chegando, esse dia foi tenso, mas no fim deu tudo certo graças a Deus.

(FOTO 13 e 14) Passagem de palco, e estava chegando a hora... Não sabia estava tudo perfeito, mas estava pronto para dar o meu melhor e deixar a diretora orgulhosa, sei o quanto era importante para ela e para mim também.

(FOTO 15- 16- e 17) Enfim o grande momento... Hora de entrar em cena! Já era acostumado me apresentar nos palcos da vida em outras apresentações, mas nunca em um espetáculo e ainda mais na Universidade, sendo que éramos somente duas pessoas em cena, tínhamos que fazer o máximo para preencher a cena, e no fim obtivemos o resultado esperado. A sensação de orgulho ao rever essas fotos, e esse trabalho lindo, só tenho a agradecer. Fiquei ansioso demais antes de entrar em cena, mas deu tudo certo e depois de tantos elogios ao término do espetáculo, nunca mais acabei tendo

ansiedade antes de qualquer apresentação (só o friozinho na barriga de sempre né - risos).

(FOTO 18 e 19) Não poderia deixar de citar minha companheira de cena, minha amiga, minha colega que admiro tanto e sou fã! Uma grande artista e uma pessoa com um astral incrível, sempre de bem com a vida, e com uma motivação empolgante; foi ótimo trabalhar com ela e sou muito grato pela amizade que criamos, mesmo que um dia a distância nos separe e por acaso deixemos de nos comunicar, estaremos ligados através desse processo o qual me orgulho muito de ter dividido o palco com essa pessoa incrível.

(FOTO 20- 21) Escolhi essas duas fotos para falar o quanto eu cresci nesse processo, eu nunca imaginei que eu teria a capacidade para fazer tamanha encenação e me entregar por inteiro como fiz, a sensação que eu senti agora escrevendo é de puro orgulho e felicidade, hoje sei que posso ir muito além do que eu imaginei, e ir com tudo em busca dos meus sonhos e me tornar um artista admirado e que inspire muitas

pessoas a irem atrás de seus sonhos. Foi a partir daí que plantei a sementinha de que eu posso, eu quero eu consigo, e nunca vou desistir até chegar aonde eu quero. Sou muitíssimo grato por toda a experiência, que possamos reviver e recordar sempre que possível tudo isso...

(FOTO 22)

Finalizando com chave de ouro, essa foto linda! Quero novamente agradecer a essa diretora maravilhosa que sonhou, criou e pensou com carinho em cada detalhe desse belíssimo espetáculo.

Natalia Camargo:

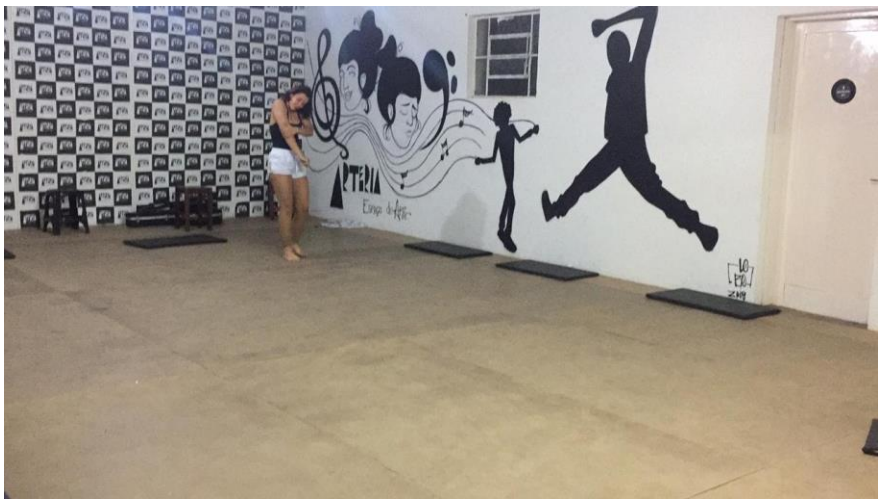
Processo de criação no primeiro encontro, corpos totalmente diferentes cada um com suas experiências e relações ímpares com a dança; ainda tímidos por não nos conhecermos, mas rolou uma célula bem legal pena que o Léo não continuou.

Não tinha visto!! O pessoal se divertindo ao montar o cenário. Como é bom quando as pessoas fazem com o coração. Ficou tudo lindo e perfeito.

Fizemos uma reunião com café, pão de queijo, muito amor e bate papo! Já tínhamos terminado o espetáculo (acredito eu) estávamos definindo figurino, fazendo os livretos e tirando fotos... o momento de descontração.

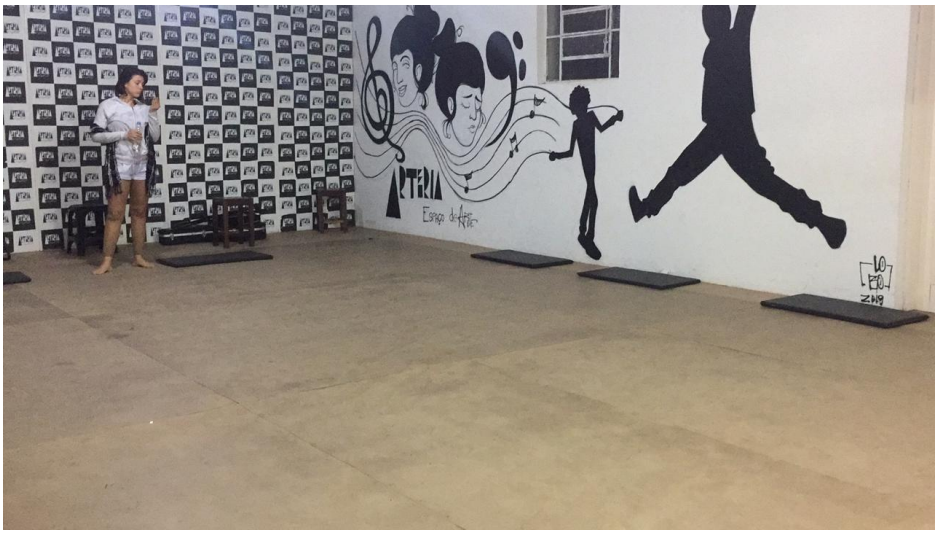
Faltam 3 dias, ansiedade, satisfação e saudades de pisar no palco, fazia muito tempo que eu não subia no palco para me apresentar.

Solidão, indecisão querendo entender o que está acontecendo, não sabendo que decisão tomar nem como sair dali, daquela estagnação.



VIVA, vamos lá! É com você que está me vendo... viva, recomece, seja feliz! Tem alguém que te ama assim como tu o ama e te apoia. SIGA!

O medo e fantasmas que criamos em nossa mente, o que nos impede de crescer.



Pensamentos ruins, que não saem da cabeça e me impedem de tomar as decisões, que me limitam e que me prendem.

Atividade 3:

Descreva como foi olhar para esse espetáculo novamente, para o processo de construção de reconstrução, das memórias e dos encontros entre nós e conosco enxergando nosso passado e as (IN) DECISÕES.

Brayan Machado: *Reviver todo esse processo foi especial por demais, me fez recordar cada momento, cada foto uma sensação de saudade, de gratidão, de felicidade em*

momentos que construímos juntos e vai ficar marcado para sempre nas nossas vidas. Pessoas incríveis que tive o prazer de dividir momentos maravilhosos, cada momento foi único e especial. Recordar tudo e ouvir os poemas inspiradores, me fez rever novamente meus trajetos e decisões, acho que todo dia é necessário revermos se estamos indo no trajeto certo, se as decisões que foram tomadas realmente são as corretas...

Natalia Camargo: *Primeiro ouvindo as músicas e poemas do espetáculo vem uma chuva de sentimentos e tensões que estou sobrecarregada, neste momento de pandemia e isolamento, minha vida parece estar estagnada e os planos que eu tinha para este ano foram deixados para trás, dessa vez eu não tive escolha, só aceitei e segui a vida. Minha decisão em ficar aqui (Pelotas) longe da minha família e longe dos meus amigos foi para protegê-los e proteger minha sanidade mental. Assumindo minha trajetória, meu novo lar e minha realidade. Morar aqui em Pelotas e ter que me virar dessa nova maneira, com os dados que o destino jogou. Estou mais forte hoje, vim para cá fugindo e hoje estou me encontrando. Com os sentimentos mais calmos, vieram as lembranças boas do processo de criação totalmente diferente do que eu estava acostumada nas academias de danças. Um processo que parte dos sentimentos para o movimento e não ao contrário. Tenho saudades devido ao isolamento lógico, mas mesmo antes já sentia saudade dos encontros, conversas, dos ensaios, risadas e choro. Foi uma decisão muito boa para ter me envolvido nesse projeto na época, estava perdida, cheia de dúvidas e me ajudou muito.*

Pergunta disparadora:

O processo de criação e construção de cenas e coreografias do espetáculo aconteceu pela mobilização de memórias e sentimentos já vividos na vida de cada um. Vocês concordam? Justifiquem.

Brayan Machado: *Sim, com toda a certeza! Todo o processo criativo do espetáculo foi embasado em nossas histórias e decisões que foram tomadas ao longo da vida até o*

momento da criação. Foi um trabalho inspirador e cativador, pois fez-me recordar de muitas escolhas que tive que tomar por pressão e até mesmo as indecisões foram relembradas também, além disso, fazer parte da criação como um tudo e reviver minhas memórias de decisões e indecisões, ajudou-me a tomar novas decisões e rumos diante do cenário onde me encontrava na vida. Esse processo e trabalho vai ficar marcado para sempre em minha vida, foi uma trajetória linda poder compartilhar e reviver juntos tudo o que passamos e que no fim resultou em um trabalho magnífico. Recordar momentos de vivência da minha história, levou a uma montanha de emoções, desde tristeza a muita alegria, recordei memórias valiosas, tais como: a separação dos meus pais, onde tive que fazer uma das minhas maiores escolhas quando criança de com quem iria ficar; memórias de relações amorosas que houve decisões importantes após muitas indecisões; recordei também e muito importante de quando decidi contar pra minha família que era homossexual, o que foi uma trajetória bem difícil após tomar essa decisão, tudo parecia estar perdido, mas no fim me encontrei e achei meu caminho; recordei também de um momento mais atual, de quando mudei o trajeto da minha vida e decidi vir morar em Pelotas e muitas coisa mudou na minha vida, ao deixar amigos e família para ir em busca dos meus sonhos. Mas é basicamente isso, a vida é feita de decisões e indecisões, umas boas e outras ruins. Foi lindo recordar tudo e perceber que tudo que decidi na minha vida.

Natalia Camargo: *Sim, todo o processo foi baseado em sentimento, em memórias e recordações nos processos da nossa vida tanto do passado ou o que desejamos para o futuro, inclusive todas as músicas remetiam isso e a todo momento a Nay pedia para gente recordar desses momentos. No primeiro encontro eu levei uma foto da minha família que foi um divisor de águas, pois quando eu me separei foi o primeiro encontro que eu fiz na minha casa para minha família, eles nunca tinham ido lá e foi um momento muito gostoso para mim, tê-los comigo na minha casa e poder dividir isso com eles e reviver essa sensação e outros sentimentos que eu trouxe também com isso foi muito bom. Nas dinâmicas de criação das coreografias nós fazíamos relação com sentimentos com coisas que já tínhamos passado, em uma das cenas a gente fez um trajeto (independentemente de qual trajeto) a Nay pediu pra gente imaginar e eu fiz um trajeto*

que eu sempre fazia desde que cheguei em Pelotas, que era sair da minha casa ir pra faculdade e da faculdade passava na padaria e da padaria retornava para casa e eu fazia sempre esse trajeto, mesmo que não fosse o mais próximo, mas sim porquê eu achava mais interessante mais bonito, tinham outros caminhos mais rápidos, mas as casas eram feias e não tinham pessoas circulando. Participando dessa mesma célula coreográfica tinha também sentimentos e ações que foram sorteados, foram sorteados níveis de altura (baixo, médio e alto), velocidade (lento, normal ou acelerado) e sentimentos, a partir desses sentimentos eu tinha que montar um movimento e de acordo com o sentimento, eu sempre buscava relembrar de alguma coisa que me trouxesse aquele sentimento, por exemplo, raiva, medo, alegria... eu tentava relembrar de alguma situação que eu tivesse sentido esse sentimento pra eu conseguir pensar como eu poderia expressar a raiva, a solidão ou alegria com um movimento só junto com as outras características de movimento que foram sorteadas. Para mim realmente tudo o que fizemos foi mexendo no nosso baú de sentimento, de emoções e de experiência de vida. Tudo o que a gente fazia nos voltávamos para dentro pra pensar o que tínhamos sentido em tal momento da vida, do que precisamos em dada situação sempre com uma reflexão interna. Eu procurava pensar o porquê eu estava sentindo aquilo naquele momento fazendo um autoconhecimento ou um auto tratamento, buscando conhecer um sentido do porquê eu senti aquele sentimento naquele momento, porquê antes não fazia sentido e hoje faz, e ainda bem que eu senti raiva naquele momento ainda bem que aconteceu alguma coisa ruim naquela época e eu consegui enxergar de um outro lado e ter força pra conseguir sair disso e inverter o jogo. Com toda a certeza foi baseado em nossas memórias e sentimentos, porém em nenhum momento foi algo pesado e difícil de se fazer, foi um trabalho leve e muito gostoso diferente de um outro que eu participei, eu tive que sair, pois abordavam problemas meus e eu não estava afim de desconstruí-los daquela forma. Essa criação foi leve por mais que mexesse com sentimentos negativos (ou não também porquê temos que sentir a raiva, a tristeza... porquê senão tem algo de errado com a gente) temos que saber o que estamos sentindo e aprender a lidar com isso, foi um processo leve, gratificante e construtivo pra mim e pra minha vida, conseguimos passar muita coisa boa também não nos prendemos só na depressão e na angústia, ficou um espetáculo maravilho eu tenho saudade de todo o processo e adoraria refaze-lo.

6. Do memorial às narrativas: os achados da pesquisa

"A memória do corpo faz parte do trajeto formativo de cada pessoa, cujas experiências significativas ficam registradas como uma escritura"(ZANELLA, 2013, p. 10). A partir da ideia trazida pela autora, apostei em um processo em que a memória fosse o elemento principal para a criação. Assim, mesmo sem ter um maior aprofundamento teórico na criação do espetáculo, hoje percebo que as memórias dos bailarinos e as minhas foram elementos fundamentais para a criação de coreografias e cenas do espetáculo.

Ao revisitar o memorial e o que cada bailarino narrou a partir das atividades e pergunta disparadora, percebi que as memórias foram mobilizadas através de estímulos como, fotos, rodas de conversas, músicas do próprio espetáculo e um jogo de sorteio de sentimentos, níveis e velocidades que utilizamos na criação de uma coreografia. Coreografia esta que tratava sobre a trajetória da vida ao querer alcançar algo e os trajetos que percorremos durante o dia e que por vezes fazemos sempre o mesmo caminho. Mas foi problematizado que nesse caminho podemos encontrar obstáculos e os obstáculos sendo mostrados na coreografia através de sentimentos e pausas no trajeto que os bailarinos faziam.

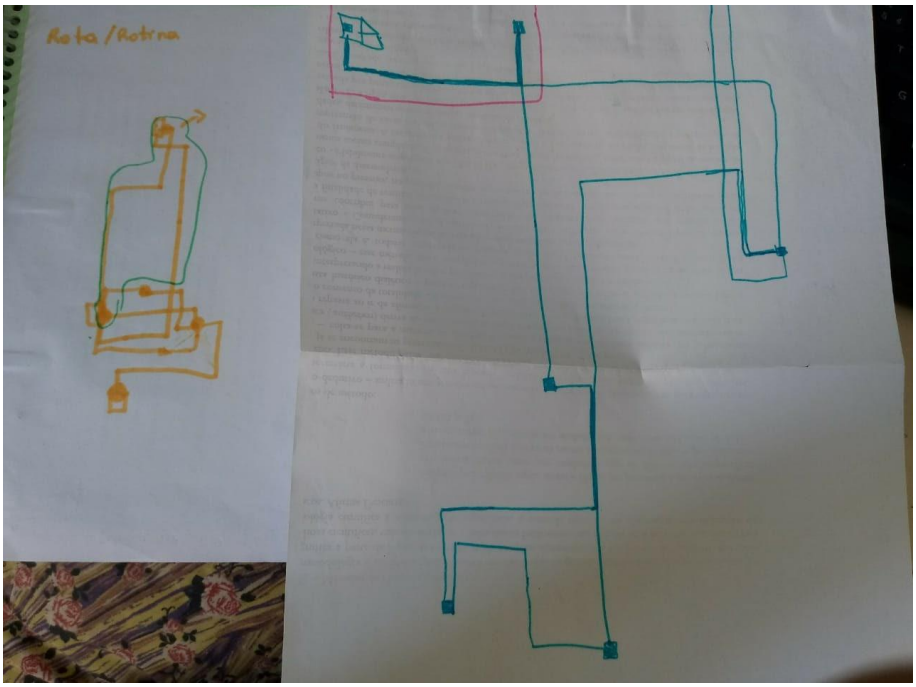


Figura 10: Trajetória desenhada pelos próprios bailarinos, da direita, Brayan Bretanha e esquerda Natalia Camargo.
Fonte: Acervo pessoal.

“Loucura, depressão - luz no fim do túnel. Tiramos papéis com sentimentos, partes do corpo e velocidade - algo assim. Foi intenso. Se não me engano escolhi o trajeto que sempre fazia da minha antiga casa até o Centro de Artes... Todos os dias numa rotina, depois disso, comecei a variar as ruas por onde passava, busquei lugares mais bonitos e agradáveis ao invés de práticos e rápidos” (Natália).

No fragmento acima Natália recorda a criação da coreografia “Trajetos”, que funcionou pelo estímulo do jogo de sorteios da seguinte forma: Em um circuito mostrado na imagem acima, escolhido pelos bailarinos de seus trajetos que costumavam fazer em seu dia a dia, tinham papéis escritos com sentimentos, partes do corpo, velocidade e níveis. Cada um escolhia papéis diferentes selecionando o que eles iriam fazer a partir dos papéis sorteados com sentimento, velocidade, nível e parte do corpo.

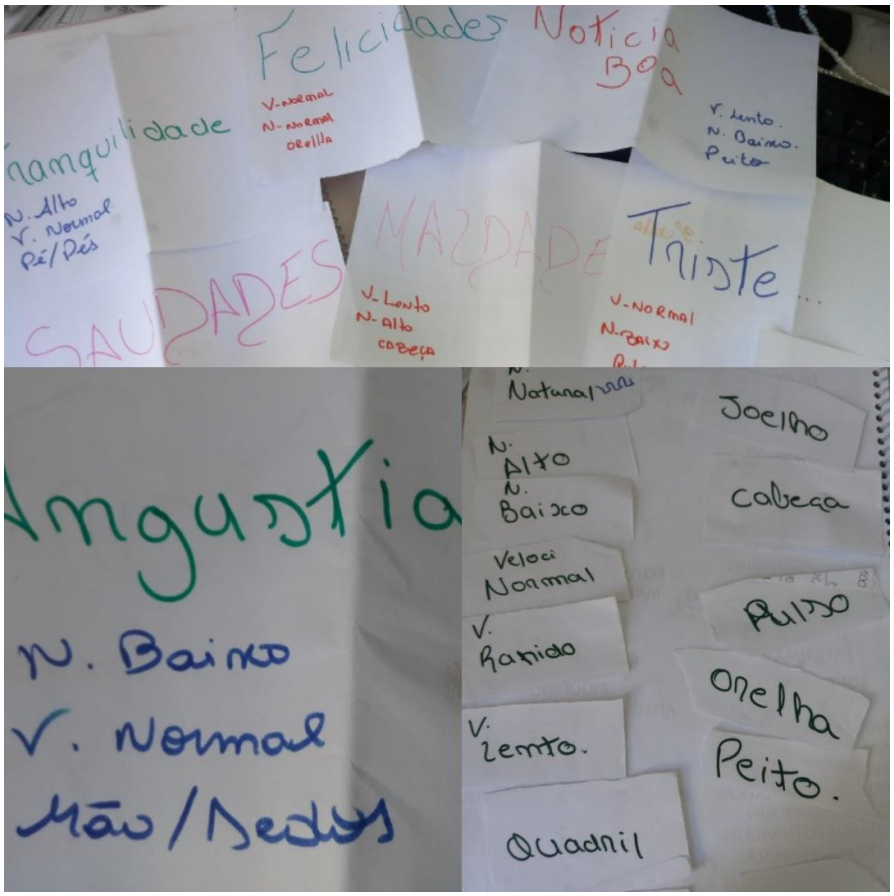


Figura 11: Jogo dos estímulos sorteados
Fonte: Acervo pessoal.

Na imagem acima podemos ver a maneira que se deu nossa criação, na parte de cima da imagem temos papéis com: sentimentos, partes do corpo, níveis e velocidades. Abaixo no canto esquerdo temos detalhadamente como se dava a criação. Ao ser selecionado cada elemento como o sentimento, nível, velocidade e parte do corpo os bailarinos descreviam em seus papéis para colocarem em uma parte de sua trajetória, trajetória mostrada na Figura 10.

Ao ser sorteado eu fazia os bailarinos fecharem os olhos e refletirem sobre a memória e os sentimentos que foram visibilizados naquele momento e expressarem em seus corpos. A partir do que repercutia em seus corpos eu solicitava que dançassem apenas com a parte do corpo sorteada, o nível e a velocidade. Passos (2014) ajuda-me a pensar sobre o vivido.

> O que define as escolhas, as decisões? Estas escolhas são conscientes ou regidas por fatores inconscientes? A memória (consciente ou não, voluntária ou não) de todas nossas vivências. Memória não somente no sentido do retorno do sujeito ao passado ("lembranças de situações ou fatos passados") ou como uma atitude, uma intenção ("vou fazer determinado movimento que eu já fiz ou já vi alguém ou algo fazendo"). Memória que nos diz quem somos, que nos define como somos. Se apenas podemos usar nossa (s) memória (s), ou seja, o que somos, como ferramenta para criar, como deixar de ser o que nós somos e sermos outro(s)? Como nos libertarmos das amarras que nos prendem a nossa existência, que nos prendem ao que somos? (PASSOS, 2014 p. 3).

Através desse exercício de criação para essa coreografia pude trazer a cena parte de suas trajetórias de vida, fazendo com que os bailarinos recordassem o porquê da decisão daquele caminho e como foi ter decidido seguir por ele, recordando os sentimentos e sensações que agregavam a essa memória corporal.

Percebo pelas narrativas o quanto a construção do espetáculo mobilizou os bailarinos em suas vidas, pois buscavam em suas histórias de vida elementos para a criação. Foi analisando este exercício em especial, ao encontro com a narrativa dos bailarinos, sujeitos da pesquisa, que observei o quanto a memória proporciona meios para a criação, repercutindo na disponibilidade, envolvimento e sentidos do que é criado. Reconheço que o processo de criação do espetáculo mexeu muito com todos nós, pois reportar-se às memórias é reportar-se ao nosso patrimônio existencial.

O bailarino Brayan traz: “[...] *um poema muito forte, mas com uma mensagem linda, que me ajudou a tomar muitas decisões na época do processo, estava com saudade de ouvir esse poema tão maravilhoso.”*

Durante a criação eu e os bailarinos conversamos muito, sempre trazendo ligações de cenas e poemas do espetáculo com nossa vida, em meio a muitas conversas, partilhamos de memórias pessoais que por vezes não gostaríamos de lembrar, mas dançando ressignificamos. Ao conversar deixávamos o corpo exteriorizar o que vinha, o que sentia, transformando aquela memória em movimento.

> Dançar improvisando significa movimentar-se com os seus recursos corporais de uma forma não ensaiada anteriormente, e para improvisar, o corpo humano se apropria das suas vivências passadas para criar imediatamente, no presente. (FRANKEN, 2011, p. 2).

A improvisação traz essa possibilidade de se expressar da nossa maneira, com autonomia em relação aos movimentos do nosso corpo. Pelos estímulos dados ou sentidos, percebo o quanto os bailarinos se espantaram ao ver o quão entregues estavam a cada criação. Segundo Passos (2014, p.5)

> A improvisação estruturada é um método para a realização de uma movimentação corpórea espontânea e criativa que procura conduzir a pessoa gradativamente a uma experiência do corpo, que deve culminar com sua libertação das limitações e desconfianças que a educação, a convenção e as vivências inserem nele.

“[...] Eu nunca imaginei que eu teria capacidade para fazer tamanha encenação e me entregar por inteiro como fiz[...]”.(Brayan). Ao ler este fragmento percebo que a entrega em cena se deu pelo processo vivido que teve sentido para ele, pois trouxe para a cena memórias e sentimentos que ao serem revistados foram elementos que repercutiram no processo criativo e no resultado do espetáculo.

Natália relembra do sentimento da nossa primeira coreografia do espetáculo dizendo que:

“*Gosto - Abraço - saudade da rotina da vida. Por mais que durante o processo essa música/coreografia tenha sido “pesada” para mim, trazendo lembranças ruins, medos e indecisões, hoje ela me abraça! Revivo não só lembranças dos dias de ensaio e criação, mas me vem coisas boas na cabeça, um conforto; Apesar desse trajeto que*

estou fazendo hoje, esteja tão conturbado quanto ao que já fiz no passado… Me dá esperança."

Coreografia na qual tinha como intuito enfocar confusão, indecisão e angústia. Única coreografia do espetáculo que eu coreografei, baseada em minhas memórias. Memorias de um corpo cheio de ansiedade, estresse, mas com intuito de mudar, ao mesmo tempo precisando de forças para continuar, sem saber qual caminho seguir. São essas memórias que relembro para a criação. No entanto, houve adaptações dos bailarinos para que a coreografia tivesse sentido para eles.

Bailarina Natália: *"[...]Para mim realmente tudo o que fizemos foi mexendo no nosso baú de sentimento, de emoções e de experiência de vida, tudo que a gente fazia nos voltávamos para dentro pra pensar o que tínhamos sentido em tal momento da vida, do que precisamos em cada situação sempre com uma reflexão interna[...]"*

Bailarino Brayan: *"[...]Todo o processo criativo do espetáculo foi embasado em nossas histórias e decisões que foram tomadas ao longo da vida até o momento da criação. Foi um trabalho inspirador e cativador, pois fez-me recordar de muitas escolhas que tive que tomar por pressão e até mesmo as indecisões foram relembradas[...]"*

"[...]Recordar momentos de vivência da minha história, levou a uma montanha de emoções, desde tristeza a muita alegria, recordei memórias valiosas[...]"

Para Brandão "A memória estabelece, pois, nossa identidade e, como diz Izquierdo, 'somos quem somos porque nos lembramos'... a memória estabelece nossa individualidade" (BRANDÃO, 2008, p.6). Diante do que coloca Brandão em convergência com a resposta dos bailarinos na pergunta se o processo coreográfico do espetáculo partiu de memórias, sensações e sentimentos da vida deles, observa-se que ambos afirmam terem sidos motivados e mobilizados pelas suas memórias e vivências e que sempre qualquer sentimento que era demonstrado em cena instigava a lembrança.

Ao retomar o processo criativo e refletir a partir das narrativas dos bailarinos, percebi o quanto minhas memórias também foram elementos para a construção do espetáculo. As intimações em relação ao que eu estava passando, as decisões e indecisões em relação aos caminhos a seguir foram fundantes na maneira que me coloquei como diretora. "Então como sempre faço quando me sinto triste e confusa me

levantei e comecei a escrever, foi aí que nasceu o espetáculo” (Fragmento do Memorial do espetáculo).

Fui me realizando no decorrer do processo, principalmente com a maneira que aconteceu a criação e as formas com que os corpos dos bailarinos se expressavam em cena “a cada encontro eu me realizava com o processo com os resultados, meus bailarinos sempre muito envolvidos e imersos ao trabalho” (Fragmento do Memorial do espetáculo). A aproximação que aconteceu entre eu, diretora, e os bailarinos evidenciou um processo de criação que se alicerçou no respeito, na confiança e no repertório pessoal. Juntos construímos sentidos! A partir das reflexões empreendidas no decorrer deste estudo, passei a pensar sobre essa possibilidade de criação acontecer na escola, alicerçada no repertório dos estudantes, a partir de uma prática sensível que busca pela dança mobilizar e visibilizar memórias. Tal perspectiva vai ao encontro com Marques ao dizer:

> Proponho que o trabalho com dança em situação educacional baseada no contexto dos alunos seja o ponto de partida e aquilo a ser construído, trabalhado, desvelado, problematizado, transformado e desconstruído em uma ação educativa transformadora na área da dança (MARQUES, 2011, p. 100).

A autora problematiza a dança na escola a partir do contexto dos sujeitos. Penso que propor uma prática voltada para os movimentos dos alunos, a partir de uma perspectiva mais “livre” possa ser o pontapé inicial para um trabalho com dança na escola, enfatizando o repertório corporal de cada um e consequentemente suas memórias.

7. Considerações Finais

É com meu problema de pesquisa que inicio e finalizo esse processo: De que maneiras e quais as memórias do corpo foram mobilizadas no processo de construção do espetáculo “Trajeto, Trajetória, Trajetos (IN) DECISÕES”?

As memórias dos bailarinos intérpretes e criadores do espetáculo foram mobilizadas de diferentes formas para cada criação de coreografias e cenas, através de estímulos como fotos, rodas de conversas, músicas do próprio espetáculo, dentre outros. A resposta para o meu problema de pesquisa foi encontrada no meu próprio memorial do espetáculo ganhando força com a narrativa dos sujeitos. Lá identifico as maneiras e quais as memórias foram mobilizadas. No entanto, antes de acontecer esta pesquisa eu não tinha consciência disto. Por mais que tivesse escrito meu memorial, foi com este estudo e com o aprofundamento teórico que fui compreendendo o que tinha realizado de fato.

Analisando o processo criativo do espetáculo, posso ressaltar que a improvisação tem papel predominante e que a memória é elemento fundamental na criação. Tal percepção agregou aos meus conhecimentos como professora, bailarina, coreógrafa e pesquisadora, proporcionando apropriar-me da maneira que eu crio dança. Ao ler as narrativas percebo que as memórias dos bailarinos foram o elemento principal para a criação do espetáculo

No momento em que retomo o problema e objetivos do estudo para refletir sobre os resultados alcançados, observo que as memórias sendo mobilizadas e fomentadoras de uma criação em dança, contribuem para um trabalho com sentido para quem o faz, pois recorre às memórias inscritas no corpo. Assim, os movimentos são tomados por uma tonalidade que se constitui pelo vivido e o sentido no decorrer da trajetória de vida.

Com essas considerações desejo agregar aos estudos em dança, trazendo novos olhares no processo de montagem de uma composição a partir da tríade improvisação, memória e corpo. Que esta pesquisa possa reverberar dentro da escola e de outros espaços como um caminho para a criação no campo da dança, que aposta nas memórias registradas no corpo como elementos à criação.

Espero que a pesquisa focada na memória do corpo que dança não acabe aqui, que possam ter novos bailarinos, professores, coreógrafos, pesquisadores adentrando a esse campo, sempre podendo agregar e construir novos conhecimentos…

8. Referências

ABRAHÃO, Maria. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPEL, Pelotas, v. 7, n. 14, jul./dez. 2003, p. 79-95. set.2003. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30223. Acesso em: 21 de julho.

BRANDÃO, Vera Maria Antonieta T. **Labirintos da memória**. Quem sou? São Paulo: Paulus, 2008.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e Educação**. Figuras do indivíduo-projeto. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

FRANKEN, Josiane G. A improvisação na construção do corpo letivo. Disponível em: <http://www.portalabrace.org/vireuniao/pesquisadanca/10.%20FRANKEN,%20Josiane%20G.pdf> Acesso em: 15 fev. 2021

GUERRERO, Mara Francischini**. Formas de improvisação em dança**. Universidade Federal da Bahia – UFBA, 2008. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/1253/1350> Acesso em: 27 nov. 2020

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

LOBO, Lenora; NAVAS, Cássia. **Arte da Composição**: Teatro do Movimento. – Brasília: LGE Editora, 2008.

MARQUES, Isabel A. **Ensino de dança hoje**: textos e contextos. São Paulo, Cortez, 2011.

MARTINS, Cleide. **A improvisação em dança**: um processo sistêmico e evolutivo. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

PASSOS, Juliana Cunha. **Processos criativos em dança**: improvisação, corpo e memória. Disponível em:

<http://portalabrace.org/viiicongresso/resumos/jornada/PASSOS%20Juliana%20Cunha.pdf> Acesso em: 10 dez. 2021

SANTINHO, Gabriela Di Donato Salvador; OLIVEIRA, Kamila Mesquita.**Improvisação em dança**. Guarapuava: UNICENTRO, 2013.

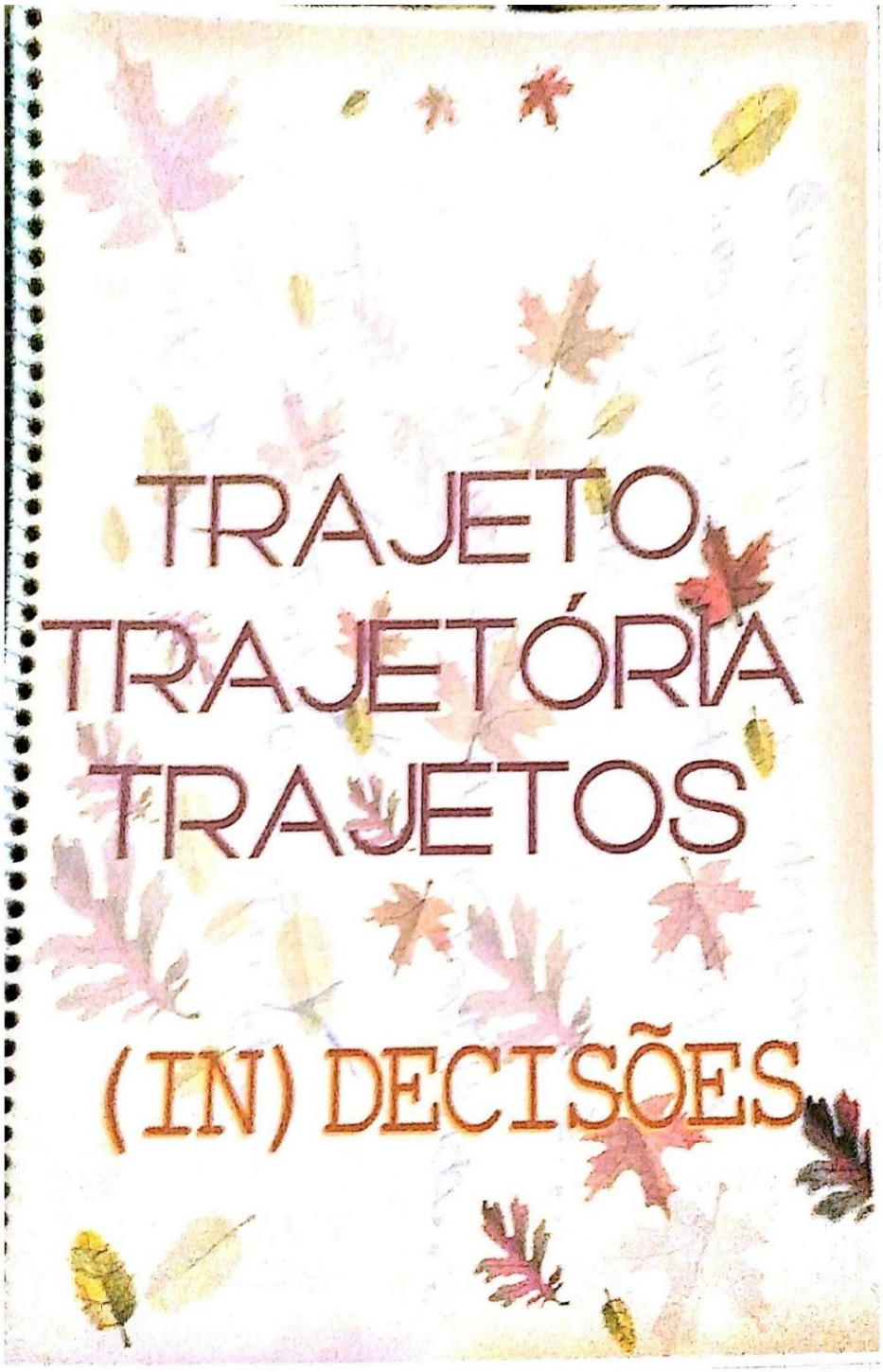
SANTOS, Jociane Marthendal Oliveira; ESTEVAM, Rebeca Anselmo; MARTINS, Thiago de Melo Martins. Pesquisa (Auto)Biográfica. **Ensaios Pedagógicos** (Sorocaba), vol.2, n.1, jan./abr. 2018, p. 45-53.

VIANNA, Angel; CASTILHO, Jacyan. Percebendo o corpo. In: GARCIA, Regina Leite (Org.) **O corpo que fala dentro e fora da Escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

ZANELLA, Andrisa Kemel. **Escrituras do Corpo Biográfico e suas contribuições para a Educação**: um estudo a partir do Imaginário e da Memória. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Memorial do espetáculo “Trajeto, Trajetória, Trajetos (IN) DECISÕES”



Digitalizado com CamScanner

Digitalizado com CamScanner

Ficha técnica

BAILARINOS:
BRAYAN BRETANHA MACHADO
NATALIA CAMARGO

ILUMINAÇÃO
RENAN BRIÃO

INDENTIDADE VISUAL
LORRAINE CLARA

COMUNICAÇÃO
BRAYAN BRETANHA MACHADO
NATALIA CAMARGO
NAYANE LIMA

LOCUÇÃO
FAEL LIMA

SONOPLASTIA
NAYANE LIMA

TRILHA SONORA
BRÁULIO BESSA
MONJA COEN
FKJ & MASSEGO TADOW
ZAYN FT. SIA VIOLIN
CHARLIE PUTH VIOLIN
DEIVISON PEDROZA

ASSISTENTE DE DIREÇÃO:
CAROL PORTELA

Direção:
Nayane Lima

CONTRARREGRAGEM
CINTIA MENDES
DANIELA RICARTE
FELIPE PEREIRA
SHAIANE BEATRIZ
YASMIN FARIAS

RECEPÇÃO
DEBORA MENDES

FOTOGRAFIA E FILMAGEM
MATEUS ROSSY B. BARTEL

MAQUIAGEM
O ELENCO

FIGURINO
ATELIÊ DE FIGURINOS DA UFPEL
LARISSA MARTINS

PERFORMANCE DE INTERVALO
LISE PERES

CENOGRAFIA
CAROL PORTELA
NAYANE LIMA

Orientação:
Thiago Amorim

Digitalizado com CamScanner

...Decisão...

...Indecisão...

...Confusão...

...Coração ou a mente?

...Vida...

...Caminhos...

Trajeto, Trajetórias, Trajetos (IN)DECISÕES

SINOPSE

Por onde ir? Qual caminho seguir? Que roupa usar? Nossa vida, nossa rotina é feita de decisões e indecisões! A cada trajeto marcado, temos lembranças de alguma decisão que tivemos que tomar... ou mesmo aquela indecisão... o que fazer agora? Permita-se errar e sentir-se um indeciso decidido!

O Espetáculo "Trajeto, Trajetórias, Trajetos - (IN)DECISÕES" é uma obra de construção coletiva, concebida e dirigida por Nayane Lima, sob a orientação do Prof. Thiago Amorim, interpretado por Natália Camargo e Brayan Machado, e integra o conjunto de apresentações do semestre 2019-1, da Disciplina Montagem de Espetáculo II, no Curso de Dança – Licenciatura do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

A obra investiga o tempo, em seus percursos, passagens, trânsitos e afetos, refletindo sobre a trajetória de cada bailarino, ao mesmo tempo em que identifca e depõe sobre as trajetórias de cada um e cada uma de nós. Perguntas, dúvidas, questionamentos, emoções… chegadas e partidas… sim e não… dor e alegria… amor e saudade… E qual será a dúvida que habitará o trajeto da próxima folha de outono a cair no chão ?

Data: 24/06/2019
Local: Auditório do Bloco II do Centro de Artes
Horário: 19 horas
Banca: Eleonora Santos, Josiane Corrêa e Andrisa Zanella

Trajeto / Trajetória / Trajetos

O melhor ou o que me traz feliz?

Digitalizado com CamScanner

Quando o projeto se torna espetáculo:

É difícil falar sobre o projeto que se tornou um espetáculo, pois o meu bar de infância foi sem saber tudo um tema que se tornou projeto.

Minha ideia inicial do projeto de montagem era baseada na minha avó e dos muitos filhos que já haviam dia trazer para cima a herança da mulher negra, dependente que sempre lutou na conquista suas coisas e sustentar a família.

Quando essa ideia não deu certo eu não sabia a qual caminho seguir, o que eu iria fazer.

Em meio uma fase bem turbulenta na minha vida de ter que tomar algumas decisões, eu fui pensar nas minhas decisões e projetos. Aos que atravessaram comigo nesse período de faculdade. E então como eu sempre faço quando me sento triste ou confusa me levantei e comecei a escrever, foi aí que nasceu meu espetáculo.

Minha cabeça é um mar de ondas calmas e tsunamis...

Nunca desistir, talvez esmorecer e recomeçar de novo...

Pontos de vista que se ligam...

Minha vida é pontilhada...

Você decide por onde ir...

Digitalizado com CamScanner

Preparação corporal e coreografia

A preparação corporal e cênica dos bailarinos se deu através de estímulos.

Todas as coisas que buscávamos nos encontros eram através de conversas que surgia algo.

Em todos nossos encontros eu levava perguntas que estimulava eles a pensar em suas indecisões em suas decisões de como o corpo deles, de como eles se sentiam a cada passo que eles decidiam de como foi suas trajetórias e de como seria se não tivessem tomado aquela decisão.

Assim se deu toda a nossa preparação até chegar em uma coreografia.

As coreografias eram criadas a partir de perguntas que se dava o improviso e que se constituía em coreografia.

Descrição das coreografias

Digitalizado com CamScanner

Trazendo a apresentação como meio de comunicação, trazendo também com alguns minutos da movimentação durante a apresentação quando marcava e quando marcava, mas não coreografia

3º coreografia do espetáculo:

Os encontros e desencontros

Os nomes que meninos traziam, mesmo

Mantos nos levam...

E se acostumar com os cairos, com algo e do nada aquilo mudou...

4º coreografia do espetáculo:

E se começar...

Na vida sempre é preciso se renovar de alguma forma é preciso saber a hora de parar e cuidar de nos mesmo.

Saber que essa a não escolher sempre a melhor opção é normal e que não acaba no bom como e que na verdade só começa.

Criado pelos bailarinos apenas com os trechos do poema.

Todas as cenas do espetáculo foram pensadas na finalização de cada coreografia para o início de outra.

Tendo ligações uma com a outra!

- Feita por mim e pelos bailarinos.

Digitalizado com CamScanner

Cenoplastia / iluminação.

A cenoplastia do espetáculo foi pensada e escolhida por mim.
Ficou a cargo muitos pessoas, e assim surgiu o interesse de trabalhar com atores e os músicos instrumentistas pelo fato de que eu não queria que a letra da música influenciasse no processo dos bailarinos.

A iluminação eu tive alguns ideias de cor e em alguns momentos do que eu queria, mas ela foi pensada e elaborada pelo Renan Bi

Figurino e cenografia.

A ideia de figurinos foi constituída por mim e pela Larissa Martins junto ao Ateliê de figurinos da UFPEL.

O figurino foi pensado em roupas normais mesmo que usamos no dia a dia e os cortes constituídos na peça de cores do espetáculo que foi selecionada pela Larissa Martins.

A cenografia foi elaborada por mim e a Carol Portela.

Pensando na ideia de bolhas para trazer o aspecto de estradas e árvores e o tempo passando.

Digitalizado com CamScanner

Adereços, maquiagem
Elenco de bailarinos

Os objetos em cena na numeração coreográfica foram pensados para dar sem ar de quarto, casa, praça lugares onde acontecem na menson.

A maquiagem, foi básica para dar ar de naturalidade mesmo a feita pelos bailarinos.

O elenco...

A escolha do elenco se deu por indicações onde dei colóquio no grupo da dança conforme a quais critérios que eram:

- Ter experiência com dança
- Disponibilidade de ensaio os sextas à noite

E assim se constituiu meu elenco, no início tinha 6 bailarinos e conforme o processo ocorre desistências.

Ficando então com 2 bailarinos.

* Bryan Machado.
* Natalia Camargo.

Digitalizado com CamScanner

Adereços, maquiagem e elenco de bailarinos

Os objetos em cena na primeira coreografia foram pensados para dar um ar de quarto, casa, praça lugares onde sentamos na maioria.

A maquiagem, foi básica para dar ar de naturalidade mesmo a feita pelos bailarinos.

O elenco...

A escolha do elenco se deu por indicações onde eu coloquei no grupo da dança comentei a quais critérios que eram:

- Ter experiencia com dança
- Disponibilidade de ensaios as noites

E assim se constituiu meu elenco no início tinha 6 bailarinos e conforme o processo ocorre disistências.

Ficando então com 2 bailarinos.

- Bryan Machado.
- Natalia Camargo.

Digitalizado com CamScanner

Equipe / Recepção / divulgação.

Patrocínios

Cintia Mendes
Daniela Ricarte
Felipe Pereira
Shaiane Beatriz
Yasmim Farias

Debora Mendes

Todas as pessoas da minha equipe foram pensadas e escolhidas com muita dedicação e amor.

Muita gratidão a cada uma..

Toda divulgação do espetáculo foi pensada por mim e colaborada pelos bailarinos.

A divulgação foi feita pelo facebook com um evento criado e sendo publicada todos os dias todos eventos para as pessoas ir acompanhando. Cartazes que foram lados pelos bailarinos.

Digitalizado com CamScanner

Sem palavras para agradecer meus patrocinadores sem eles nada teria sido como foi. Muita dos coisas nem teria.

Então meu muito obrigada ao Metta pelos bonés, cartazes, panfletos e a arte.

Ao Alide minas pão de queijo mineiro, pelos pãezinhos em nossos cafés depois do muito suor de ensaio.

A Aquavit, pela agua no nosso camarim disponível aos bailarinos.

GRATIDÃO!

E finalizando agradeço ao espaço Arteria por todo o cuidado e dedicação com meu trabalho pelas disponibilidades de abrir portas e me deixar ensaiar! Muito obrigada por deixar meu espetáculo nascer.

Digitalizado com CamScanner

O processo...

O processo do espetáculo foi muito gostoso para mim, consegui aproveitar a participação de cada detalhe dele.

A busca para dirigir esse processo foi o mais em algo, depois que eu descobri o que foi foi muito bom os corpos falaram, mesmo sem precisar se entoquar.

Em todo o processo, em cada detalhe eu tive ajuda dos meus bailarinos, eles foram muito participativos em todos os cortes.

Desde, contar textos, criar falas e dança.

Em muitos vezes durante o processo eu fiquei mudo, pois os bailarinos se entregaram tanto que a cada encontro eles choravam eu fiquei mudo de medo com o sentimento, com tudo aquilo ia...

Contudo o processo isso foi se estabilizando

A cada encontro eu me realizava com o processo com os resultados, meus bailarinos sempre se envolvidos e imersos ao trabalho.

Digitalizado com CamScanner

Objetos utilizados para criação.

Aqui trago alguns papéis que constituíram a criação da 2ª coreografia.

Com alguns comandos de sentimento, de nível, e velocidades.

Em cima da trajetória que os bailarinos desenharam

Digitalizado com CamScanner

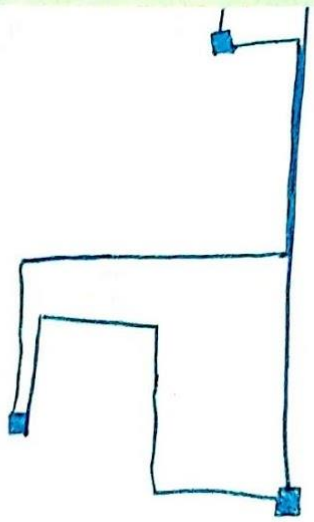
Agora vamos a trajetória que os visitantes
chamaram de ponta.

A trajetória [illegible] na 3 a quinzena:

- Pedi para eles desenhar a trajetória deles
do quanto ela é longa comparada ao caso
apenas explorado.

- Depois eles selecionaram os pontos que
chamaram atenção em que foi mais marcante
no dia.

Aproveitando disso começamos a ouvir...

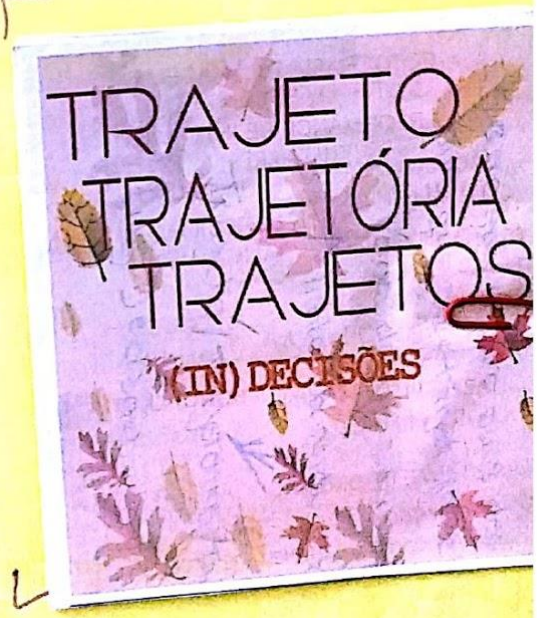


Digitalizado com CamScanner

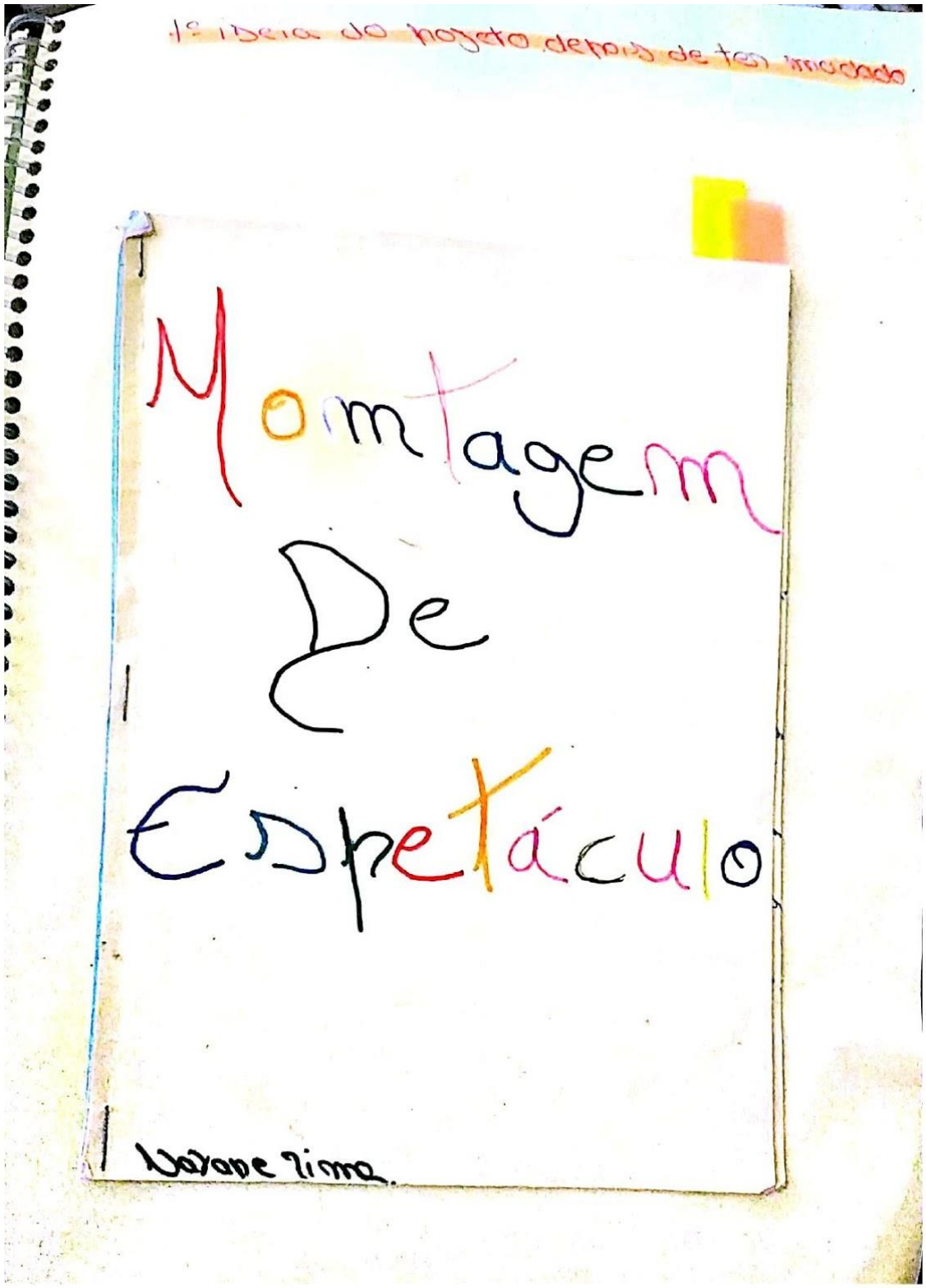
Materiais de divulgação e utilização para o espetáculo.

→ Senha para entrada do espetáculo.

Programa do espetáculo ←

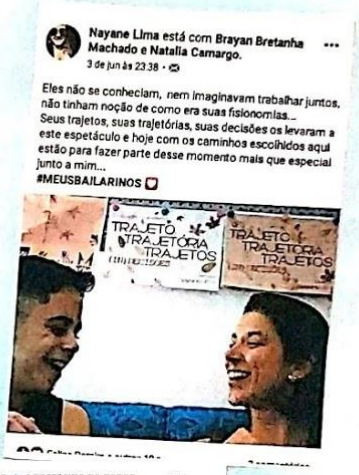


Digitalizado com CamScanner

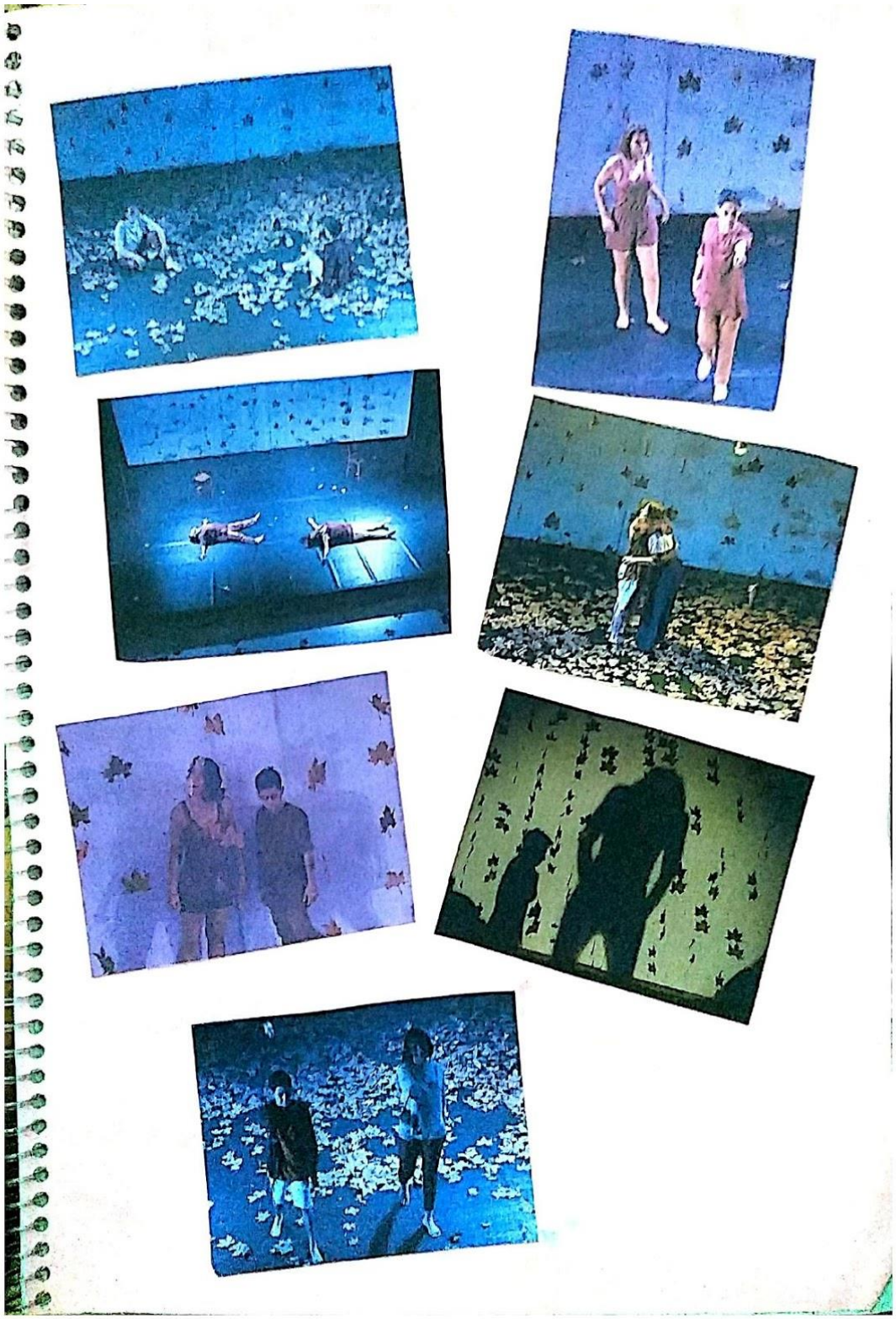


Digitalizado com CamScanner

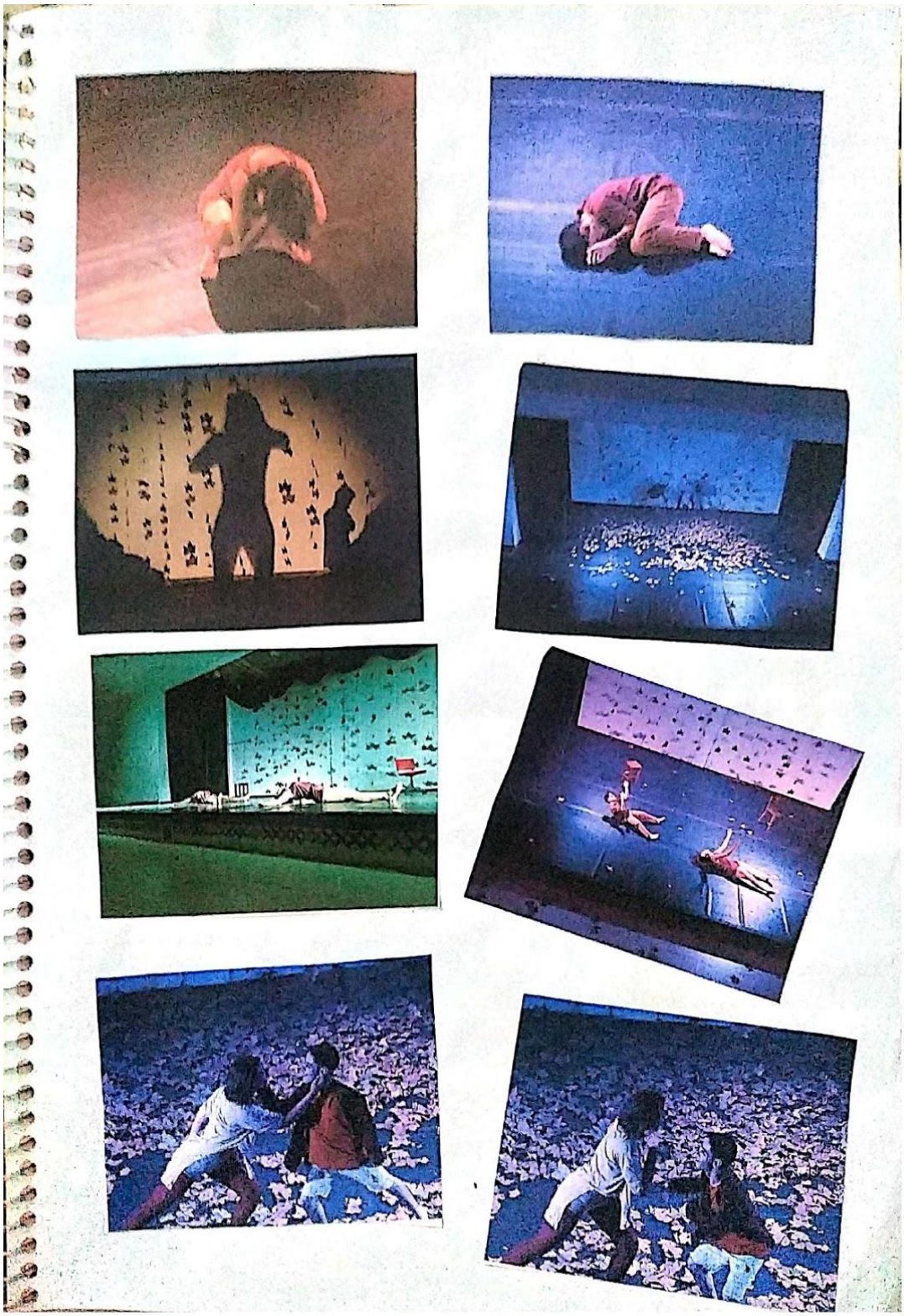
Registros



Digitalizado com CamScanner

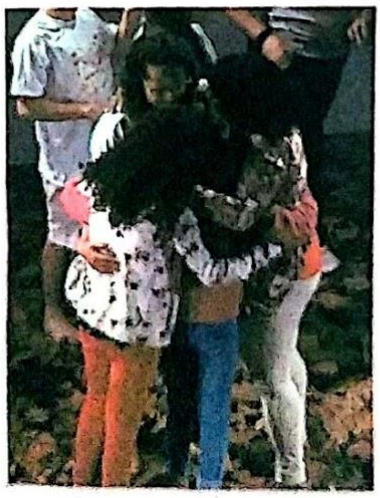


Digitalizado com CamScanner



Digitalizado com CamScanner

Digitalizado com CamScanner



Digitalizado com CamScanner

APÊNDICE B – Atividade poética

Brayan e Natalia

Oii meus bailarinXs :D então como havia conversado com vocês irei passar algumas atividades para relembrarmos nosso processo/ produto desse delicioso espetáculo que construímos juntos!!

Algumas informações para que possamos seguir:

- Peço que vocês escolham um lugar confortável e silencioso, onde possam se concentrar e se entregar a cada tarefa.
- Levem com vocês um caderno e uma caneta, para que ao final de cada atividade vocês possam fazer anotações que forem pedidas.
- Só passe para a atividade seguinte, quando finalizar a que está fazendo.

SE ENTREGUEM, REVIVAM, SINTAM CADA PEDACINHO DO NOSSO ESPETÁCULO...

BORA LÁ!

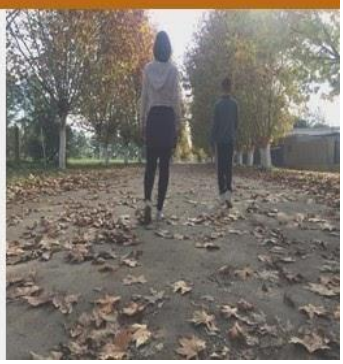
Atividade 1

- **Revisite a playlist do nosso espetáculo.**

Que lembrança, memórias, imagens surgem ao escutar a playlist do espetáculo?

Escutem todas as músicas sem pausas. Escrevam tudo que lembraram e o que sentiram ao reviver essa playlist...

Após acabar se sentirem necessidade de escutar mais alguma música em específico que tenha marcado esse processo, escute e também escreva sobre...



Playlist disponível no drive na pasta compartilhada com vocês.

https://drive.google.com/drive/folders/1wr8Tix42RZHv6_wlU9sA4Bciny9KpUVR?usp=sharing

Atividade 2

- Gostaria que vocês revisitassem nossos registros. ***(na pasta compartilhada com vocês no drive temos todos).***
- Escolham fotos ou vídeos que mais marcaram o processo para vocês, pode ser mais de um. Assim que escolher rememore os sentimentos que se passavam ali.
- E não esqueçam escrevam sobre...

Link:

https://drive.google.com/drive/folders/1HrZMAQOnRRrm0zYswhEriwDCLd8f1ES?usp=sharing

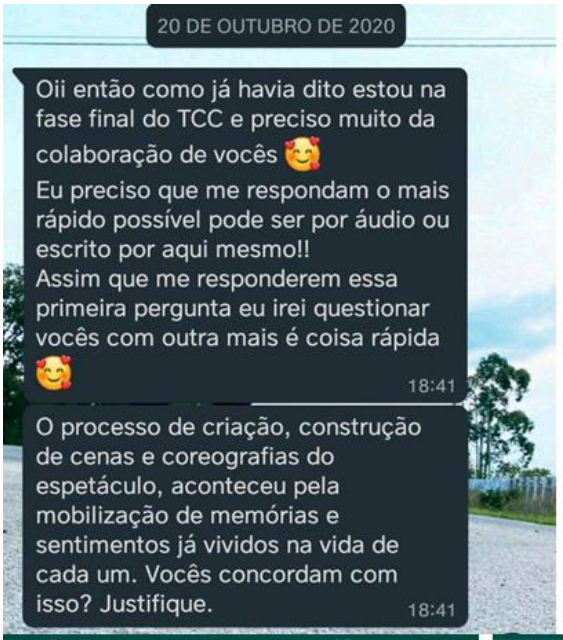
Atividade 3

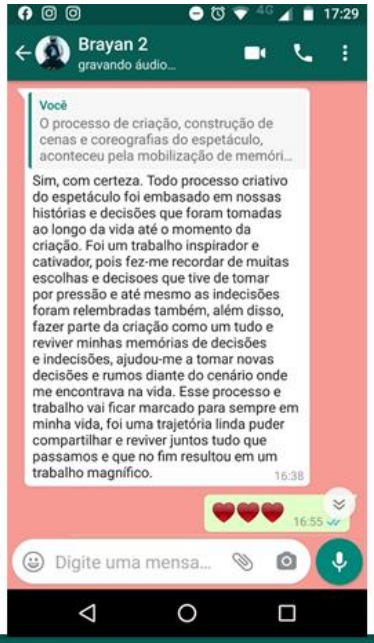
E para finalizarmos nossas atividades.

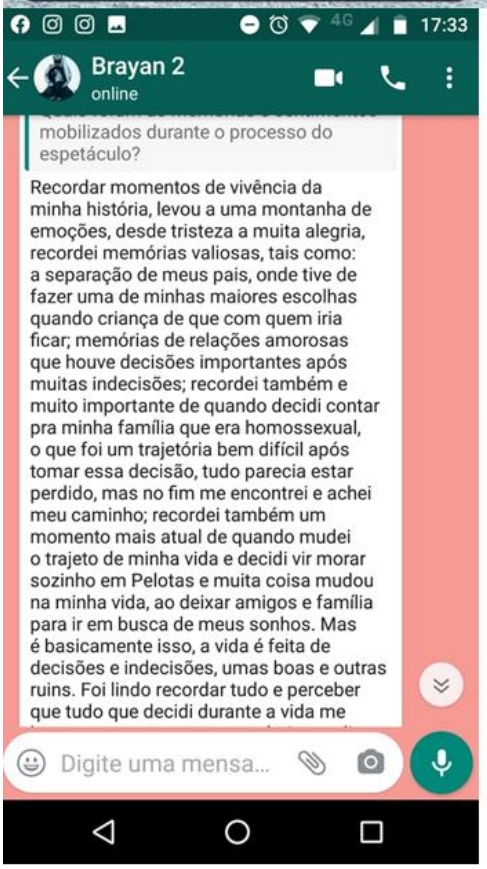
Peço que vocês me contem como foi olhar para esse espetáculo de novo, para esse processo de construção de reconstrução, de memorias e muitos encontros, não só entre nós, mas com nosso interior com nosso passado com nossas (IN)DECISÕES...

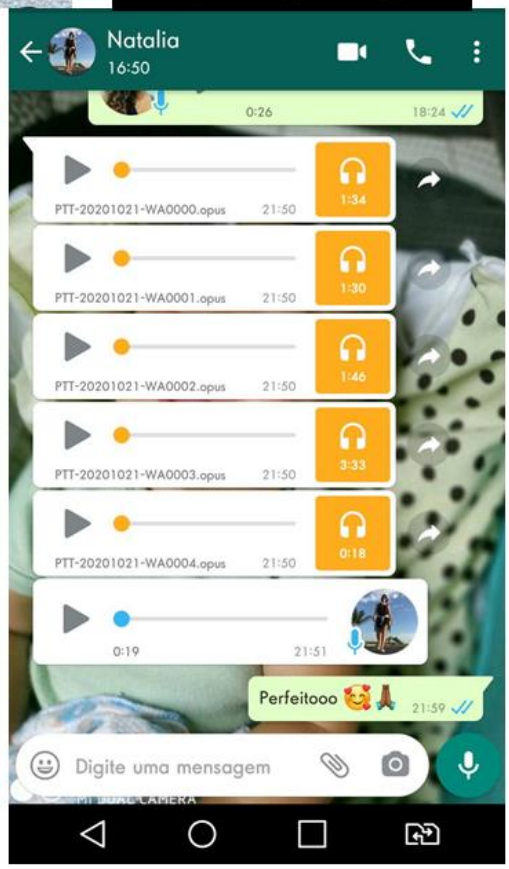
E qual será a dúvida que habitará
o trajeto da próxima folha de
outono a cair no chão?
Obrigada pela participação de vocês nessa trajetória maravilhosa e linda!!

APÊNDICE C **– Coleta de dados via WhatsApp**









ANEXOS

ANEXO A – Carta de cessão

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

CENTRO DE ARTES

CURSO DE DANÇA-LICENCIATURA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Brayan Bretanha Machado declaro que: Concordo total e voluntariamente em fazer parte da pesquisa que resultará no Trabalho de Conclusão de Curso - Dança Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas - de autoria de Nayane Machado Lima de Melo com orientação da professora Drª. Andrisa Kemel Zanella.

- Fui informada(o) de forma clara e detalhada a respeito do objetivo do estudo, bem como dos procedimentos envolvidos;
- Concordo em cooperar inteira e gratuitamente com os pesquisadores;
- Estou ciente de que tenho total liberdade para desistir do estudo a qualquer momento e que essa desistência não irá me prejudicar de forma alguma;
- Fui notificada(o) de que serei identificada(o) e que minhas falas e escritas serão transcritas para esse trabalho.
- Autorizo também a publicação das imagens com fins científicos e pedagógicos.

Assinatura do sujeito de pesquisa: _____

Assinatura da autora do projeto: Nayane Lima

Pelotas, 13 de Fevereiro de 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES
CURSO DE DANÇA-LICENCIATURA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Natália Cristina de Camargo _____declaro que:

Concordo total e voluntariamente em fazer parte da pesquisa que resultará no Trabalho de Conclusão de Curso - Dança Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas - de autoria de Nayane Machado Lima de Melo com orientação da professora Drª. Andrisa Kemel Zanella.

- Fui informada(o) de forma clara e detalhada a respeito do objetivo do estudo, bem como dos procedimentos envolvidos;
- Concordo em cooperar inteira e gratuitamente com os pesquisadores;
- Estou ciente de que tenho total liberdade para desistir do estudo a qualquer momento e que essa desistência não irá me prejudicar de forma alguma;
- Fui notificada(o) de que serei identificada(o) e que minhas falas e escritas serão transcritas para esse trabalho.
- Autorizo também a publicação das imagens com fins científicos e pedagógicos.

Assinatura do sujeito de pesquisa: _____

Assinatura da autora do projeto: Nayane Lima

Pelotas, 12 de Fevereiro de 2021.